



Às **M**argens do
ar
orto

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

ÀS MARGENS DO MAR MORTO

Corrigido e Adaptado por: Reptiliano Grey

SÍNTESE

Você sabe o que significa, para um recém-desencarnado, uma visão retrospectiva? Você sabe que o longo de 240 mil anos de Informes Iniciáticos Bíblico-Proféticos, foi só agora, no limiar deste século, que a humanidade veio a ter ciência de caráter mais específico, que sete são os céus fundamentais se subdividindo em mais de 34 mil subfaixas, servindo de morada, aos espíritos da lotação planetária, na razão direta do seu comportamento dentro dos Dez Mandamentos da Lei de Deus? Você conhece alguma coisa do que restava, nos dias de Jesus, da Escola Profética Hebréia, ou Seita dos Nazarenos, onde João Batista e o Divino Modelo fizeram seus aprendizados das coisas do mundo, para em seguida darem cumprimento à missão que os trouxe ao mundo dos encarnados? Você sabe que essa missão seria implantar a Divina Civilização Fraternalista apontada por Deus através do Profeta, Vidente ou Médium, Isaías, cap. 11, e que não aconteceu por terem sido ambos assassinados, pelos poderes, temporal e clerical do tempo? Portanto, Às Margens do Mar Morto, leva o leitor a ter consciência doutrinária e a comunicabilidade entre os dois planos da vida, conduzindo-o a um êxtase, em que tomam parte vultos do Reino do Puro Espírito, ou Crístico.

OSVALDO POLIDORO
(reencarnação de Allan Kardec)

ÀS MARGENS
DO MAR MORTO

NARRAÇÃO MEDIÚNICA DITADA PELOS
ESPÍRITOS DE AMBRÓSIO E LICÍNIO

DEUS

Eu Sou a Essência Absoluta, Sou Arquinatural,
Omnisciente e Omnipresente, Sou a Mente Universal,
Sou a Causa Originária, Sou o Pai Omnipotente,
Sou Distinto e Sou o Todo, Eu Sou Ambivalente.

Estou Fora e Dentro, Estou em Cima e em Baixo,
Eu Sou o Todo e a Parte, Eu é que a tudo enfaixo,
Sendo a Divina Essência, Me Revelo também Criação,
E Respiro na Minha Obra, sendo o Todo e a Fração.

Estou em vossas profundezas, sempre a vos Manter,
Pois Sou a vossa Existência, a vossa Razão de Ser,
E Falo no vosso íntimo, e também no vosso exterior,
Estou no cérebro e no coração, porque Sou o Senhor.

Vinde pois a Meu Templo, retornai portanto a Mim,
Estou em vós e no Infinito, Sou Princípio e Sou Fim,
De Minha Mente sois filhos, vós sereis sempre deuses,
E, marchando para a Verdade, ruireis as vossas cruces.

Não vos entregueis a mistérios, enigmas e rituais,
Eu Quero Verdade e Virtude, nada de “ismos” que tais,
Que de Mim partem as Leis, e, quando nelas crescerdes,
Em Meus Factos crescereis, para Minhas Glórias terdes.

Eu não Venho e não Vou, Eu sou o Eterno e o Presente,
Sempre Fui e Serei, em vós, a Essência Divina Patente,
A vossa presença é em Mim, e Quero-a plena e crescida,
Acima de simulacros, glorificando em Mim a Eterna Vida.

Abandonando os atrasados e mórbidos encaminhamentos,
Que lembram tempos idólatras e paganismos poeirentos,
Buscai a Mim no Templo Interior, em Virtude e Verdade,
E unidos a Mim tereis, em Mim, a Glória e a Liberdade.

Sempre Fui, Sou e Serei em vós a Fonte de Clemência,
Aguardando a vossa Santidade, na Integral Consciência,
Pois não quero formas e babugens, mas filhos conscientes,
Filhos colaboradores Meus, pela União de Nossas Mentes.

Índice

NARRAÇÃO DE ABRÓSIO

Capítulos da Vida
No Ramerrão da Vida
Procurando um Rumo
Na Noite Seguinte
Visão Retrospectiva
Cena Estúpida e Comprometedora
Antônio na Berlinda
Uma Visão Celestial
Marta Me Visitou
Em Contato com a Família

NARRAÇÃO DE LICÍNIO

Dédalos Históricos
Explicação Necessária
De Novo com Teóclito
Dias de Reconhecimento
Primeira Viagem à Terra
Conversando com Ambrósio
Uma Agradável Personalidade
Uma Palestra entre Amigos
Novo Lar
Aprendendo Sempre
De Retorno à Casa de Jasmim
O Velhinho Remoçou
Divisando o Passado
Às Margens do Mar Morto

A NARRAÇÃO
DE AMBRÓSIO

CAPÍTULOS DA VIDA

O homem vive entre "porquês". O "porquê" da vida, por exemplo, interessa a todos e frequentemente interrogamos-nos sobre factos com que deparamos e que nos deixam perplexos. À Filosofia incumbe, sem dúvida, senão explicar cabalmente esses factos, ao menos apresentar possíveis explicações, hipóteses racionais, teorias razoáveis, etc. Mas a vida zomba desses esforços e os "porquês?" continuam a desafiar respostas exatas. Nenhuma ciência pôde ainda informar convenientemente o homem. O homem é o que é; mas, disso, conhecimento perfeito não tem. Tudo quanto lhe é dado saber, por ora, tendo por acréscimo o soberbo contingente das revelações espiritistas, não vai até o ponto de poder afirmar estar de posse dos principais e indiscutíveis conhecimentos.

Vejam: que se poderia dizer de justo, de insofismável, ao se ver um homem, jovem ou velho, sábio ou ignorante, são ou doente, rico ou pobre, à margem de um regato, empunhando uma vara de pescar? De onde vem, ao certo, aquela criatura? Que é em si, no rol das coisas e dos seres? Qual o seu grau perante a infinita escala hierárquica das personalidades? Em que ponto da escalada estará fadado a estacar? Existirá um possível termo na senda dos escalões sem fim e sem número, desse turbilhão de turbilhões de mundos e agrupamentos demográficos do infinito?

Não obstante, um homem com o seu caniço imóvel à beira de um regato ou de um caudaloso rio, jamais deixaria de ser alguma coisa, de ter a sua história, de aspirar a um fim, de sentir dentro de si um mundo, de ter ideias e atuar no universo infinito que o cerca. Esse homem pouco sabe do conjunto da chamada criação, das origens e dos processos de manifestação da Vida; porém, não deixa de ser partícipe da grande Verdade e parte integrante da Unidade.

Quem saberia tudo a respeito do leiteiro Ambrósio, aquele homem de 50 anos que voltava a penates, afoito, chicoteando os animais, correndo o perigo de rolar a ribanceira e cair dentro do formidando rio que deslizava lá embaixo? Que pensava ele, nesse momento, no quadro do quanto já teria pensado, no curso das vidas e das preocupações? O certo é que, animado do desejo de chegar a casa, fustigava os cavalos que, também ansiosos de descanso, puxavam facilmente o galope. O sítio de Ambrósio distava uns 20 quilómetros da cidade, onde residiam os seus fregueses.

Que poderíamos dizer, também, sobre o farmacêutico Antônio, residente na cidade e que, tendo ido levar remédios a uma fazenda próxima, apertava o acelerador do seu Fordeco, na esperança de chegar mais cedo ao lar, confiando, como Ambrósio, metade na sorte e metade na sua habilidade, para evitar algum desastre? Quem poderia prever o que lhes sucederia dentro em pouco, mais além, numa curva mais fechada da estrada, ou num ângulo mais agudo do caminho? Como poderiam imaginar aqueles amigos de infância que, minutos depois, teriam de enfrentar o transe mais augusto das suas vidas: a morte? O certo é que os fados, os fados com ou sem fatalismo, haviam tramado o fim de ambos e decretado que os dois amigos causariam a morte, um do outro. Foi por isso que, vindo ambos em sentido contrário, viram-se de improviso frente a frente, em seus respectivos veículos,

fazendo cada qual o máximo para diminuir o alcance da tragédia iminente. Tudo quanto conseguiram foi aumentar a intensidade da mesma. Reconhecendo-se mutuamente, Ambrósio e António quiseram dar passagem ao amigo e, abriram a curva. Com isso apenas conseguiram chocarem-se violentamente e rolarem juntos no abismo. A voragem tragou-os! A estrada era por demais estreita e os veículos desequilibraram-se, tombando aos trambolhões na medonha perambeira. Lá embaixo, no rodopiar sem fim das águas em torvelinhos, uniram-se em triste destino os destroços das viaturas e dos seus condutores. Algumas pedras, deslocadas dos seus lugares, juntaram-se aos sinistrados, em seu destino. Dois homens, uma carroça, um automóvel e dois equinos poucos sinais deram de si, por alguns minutos. Depois, o cenário voltou à calma habitual. A rotina tomou conta do assunto. A natureza amorfa assiste indiferente à morte do homem e do inseto. Nada foi considerado no seu caderno, com relação às vítimas, aos seus descendentes e aos seus problemas. Tudo é e tudo passa. É a lei do mundo em que vivemos. Aparentemente, Deus não se interessa com o que sucede no mundo. Há milhões de anos os lobos devoram os cordeiros e ambos são tratados com igual desvelo pela Providência. Estava reservado ao Espiritismo explicar como opera a Justiça Divina. As compensações são maravilhosas e longe estamos de poder compreender os processos todos de se operar a reparação. Consignemos apenas que o aperfeiçoamento das espécies exige o sacrifício dos indivíduos menos aptos, segundo a Lei da seleção natural. A luta pela vida e pela sua conservação traz sofrimentos, mas estes também são aproveitados, para o aperfeiçoamento do espírito. Destarte, por impiedosa, a Natureza ajuda a evolução das formas corpóreas e incorpóreas. As injustiças? Oportunamente serão sanadas.

No dia seguinte, ao local do acidente compareceram autoridades e povo. Sulcos no chão haviam sido deixados pelas rodas e patas de animal. O chapéu de um deles estava, como testemunha muda de uma falante tragédia. Era, disse dona Maria, o do seu falecido marido, o farmacêutico António. Ambrósio nenhum pormenor de si deixara, a não ser o rastro forte das rodas de ferro da sua carroça. O burburinho na cidadinha foi de pasmar! Comentaristas os mais fantasiosos surgiram, de improviso. Jornalistas exagerados puseram-se em função. A imprensa falada e escrita do local não imaginava que os dois amigos, invisivelmente, fizessem comentário de tantos supostos motivos.

Mas, tudo foi, como sempre se deu e se dará, tomando rumo às planuras da normalidade. O inquérito aberto pela polícia concluiu pela prova do acidente e com o seu encerramento fechava-se o livro da vida terrena de Ambrósio e António. Dentro em pouco seus nomes eram citados sem entusiasmos nem pieguismos espontâneos ou afetados. Outros acontecimentos, outros desastres, desses que proliferam aos milhares, todos os dias em toda a parte, ocupariam a atenção dos vivos. Tudo é, tudo passa. O Sol não pára. Os mundos descrevem pelo éter a apoteose do Cosmo. E os espíritos vivem, vivem sempre, para o todo e para si mesmos, como partes integrantes do mesmo Cosmo. Vida é movimento, e os mundos, os seres, as leis e os destinos são outros tantos acidentes no desdobrar da sua manifestação. Acidentes, passageiros uns, outros eternos, tudo segue um rumo e obedece a um destino. Básica apenas é a VIDA, em sua singeleza indiscernível. Por isso, tudo é e tudo passa sob condições. Mas do SUPREMO ESTADO, que é fundamento íntimo de tudo e todos, quem poderá dizer algo de positivo?

Os seres e as coisas são partículas do TODO a caminhar com rumo, na vastidão insondável do próprio TODO. As leis e os destinos são, não duvidemos, razões fundamentais inerentes ao facto de existirmos. A possibilidade, que todos têm, de se divinizar, por sublimação, prova que emanamos de Deus e n'Ele vivemos. Fundamentalmente, porém, só Deus É. Porque nós somos o que ELE quer que sejamos. No seio do ABSOLUTO, nosso livre-arbítrio também é determinismo. Existimos, temos valores inatos. Desenvolvemos tais valores e usamo-los, mas no círculo que o Supremo nos traça. Nenhuma ação humana exorbita do que leis lhe facultam; e o homem não faz leis! O homem é uma lei do TODO e age como pode dentro do seu quadro, que vai até poder influir nos acontecimentos e nas ações de outros homens.

NO RAMERRÃO DA VIDA

Desde quando os seres desencarnados vivem ao redor dos encarnados? Quem poderá dizê-lo? Sabe-se apenas que o ESPÍRITO BÁSICO semeou de casas o infinito de si mesmo e com isso, pulverizou de almas o universo, Sua manifestação mais exterior.

Desde esse sempre, almas vivem e ligam-se entre si, visível e invisivelmente. Tudo, porém, segundo leis. Até onde chegam as interinfluências é o que ninguém sabe. Sabemos que tudo paira em campo vibratório, variando todavia até ao infinito as frequências, os fatores sintonizantes, para efeito de atração e repulsão. Bem considerado, o homem é um ser que se enquadra simplesmente nos valores vibratórios, fora dos quais nada há. O ser, o poder, o agir, tudo não vai além de vibrar, de pertencer ao plano fundamental da manifestação, onde as leis de sintonia imprimem diretrizes e determinam acontecimentos. Um bom conhecimento dessa verdade seria, para o homem, resolver o "conhece-te a ti mesmo".

Despojados dos seus corpos densos, nem por isso Ambrósio e António deixavam de viver e participar da vida do plano que deixaram. Mais do que imaginavam, seus defeitos e qualidades eram conhecidos dos outros. Palmilhando juntos as ruas da cidadela, ouviam as conversas de terceiros, em que comentários eram feitos, a meia-voz, em torno do procedimento de ambos os ex-vivos, um pondo água no leite e o outro introduzindo alterações nos receituários, no que havia muito de veracidade. Tomaram parte nas missas rezadas em seu favor e contemplavam, desolados, o choro das viúvas, dos órfãos e demais parentes. Ao cabo de algum tempo a situação tornou-se intolerável para os dois pobres desencarnados. Viam-se perfeitamente um ao outro, falavam, escutavam como sempre; no entanto, a não ser o seu companheiro, ninguém mais lhes prestava atenção. Sem saber mais o que fazer, nem a quem se dirigir, lembraram-se de Deus. Debulhados em lágrimas de sincera compunção, puseram-se a orar, rogando aos céus recursos para sair daquele estado.

Sou Ambrósio, um dos personagens do relato, e *quem relata*. Falarei doravante na primeira pessoa.

O auxílio não se fez esperar, porque a Misericórdia Divina aguarda tão somente que o homem se *arrependa*, para intervir em seu favor. Com os olhos ainda enevoados de pranto, vimos formar-se ao nosso lado a figura simpática de um homem dos seus quarenta anos, que nos sorria. Sentimos que fôramos atendidos, embora não estivéssemos na presença de um anjo, mas sim de um homem comum. Explicou-nos ele que a nossa situação não era das piores, em vista de possuímos regular acervo de merecimentos, decorrente de boas ações praticadas em vida. Viemos a saber, mais tarde, que vínhamos de muito longe na esteira dos séculos e das obrigações. Diferentes graus de parentesco nos haviam unido, em várias encarnações na Terra, assim como estávamos ligados por atos bons e maus praticados em comum, por entre os dédalos da afeição mais profunda e dos erros mais fortes. Mais uma vez a profundidade mecânica da justiça Superior *nos colocara frente a frente*, para solvência de novas equações dentro do problema intêrmino da vida! Aparentemente, tudo comum, tudo corriqueiro, no movimento contínuo dos seres e das coisas. Falando com franqueza, não sei suportar as ideias de caráter místico, misterioso e milagreiro, dos cultos religiosos terrenos. Para que tornar confuso e difícil o que é *simples e claro*? Se tudo é tão normal! Se tudo é tão lógico! Pois que leis sábias e sereníssimas a tudo presidem, sem favoritismo nem perseguição! Por que então essa quantidade tremenda de *bajulação e servilismo, pieguice e hipocrisia* com que se besuntam os religiosismos, para adorar a Deus? Sempre entendi que faltava lógica aos cultos, porque, embora atribuindo a Deus todas as perfeições, pretendem suborná-lo e enganá-lo com cerimónias de falsa reverência. *Coerência*, eis o que falta à maior parte das religiões.

Sendo o homem uma lei, derivante da Suprema Lei, e sabendo que todo e qualquer fenómeno obedece a leis, qual a razão de recorrer a atos e palavrórios que, por exteriores, não podem influir nos acontecimentos e não passam de repulsiva *superstição*? Haverá coisa mais nobilitante, ação mais respeitável, meio evolutível mais eficaz, que conhecer as leis divinas e pô-las em função? De que ornamento mais belo pode ataviar-se o homem, que não seja conhecer e desenvolver os soberanos valores internos de que é dotado por Deus? Herdeiro de faculdades divinas, pode o homem divinizar-se, da mesma forma que a semente pode tornar-se a árvore frondosa, se for cultivada. Substituindo a prática das virtudes pela das cerimónias, onde se colocam os credos? A serviço da evolução? Por certo que não. Por isso, está escrito: "**Caridade quero e não homenagens**". Deus quer que o homem seja bom e na bondade está a melhor homenagem a Deus. Indulgências e absolvições só servem para fazer olvidar sacrossantos deveres e urgentes necessidades de aprimoramento. Aparentar conhecimentos misteriosos e exclusivos, eis o que sempre me pareceu *exploração* das seitas.

A Terra, porém, no que diz respeito ao montante da capacidade intelectual do homem, medra em *seara opaca*. **Falta lucidez**. E falta porque o homem tem procurado fora o que tem dentro, pede a outros o que já possui por natureza divinal. Seus poderes latentes não se

desenvolvem por se ter brutalizado, de corpo e alma. De corpo, em virtude da ânsia pelos prazeres terrenos, e de alma, em virtude das religiões idólatras, parcas em verdades. Religiões que criaram no homem o nefando vício de olhar demais para fora e de menos para dentro. Não fora isso, e tivessem sempre lembrado ao homem a sua origem e destinação divina, e já teria ele, por certo, procurado desenvolver as suas qualidades superiores.

E ao profligar tal conduta por parte dos ritualismos sectaristas, que no mundo *se dizem religiões*, nada mais faço que protestar contra um amontoado de erros crassos, comprados a bom preço pelos incautos e por eles guardados com zelo no seu arcabouço mental. *Mais tarde*, vêem eles o conto em que caíram e *pranteiam o tempo perdido* e a oportunidade desbaratada. É o que sucede a quem procura acender uma vela a Deus e outra ao diabo. Em vez de adaptar-se à vontade de Deus, o homem adapta Deus à sua vontade e aos seus interesses materiais. É cómodo para o corpo, mas funesto para o espírito.

Pus água no leite, do mesmo modo que António, o comparsa de querelas de tantos séculos, e irmão bondoso de dias que longe vão, pôs alterações nas receitas médicas, a bem de pessoais e inconfessáveis interesses. Mas, direis, não nos bradava a consciência em defesa dos santos princípios do bem? Sim, mas a tradição ritualista dizia, também, bem alto nos ouvidos da crença cega, que as *confissões* seguidas de *comunhões* a todo pecado desfariam. E, demais, quem não julga que uns tantos atos menos dignos sejam, tão somente, recursos do ganha-pão e não pecados seriamente computados? Raros são os que não se aproveitam de um engano que os favorece. É muito fácil dizer hoje, graças às luzes derramadas sobre a humanidade pelo Consolador (o espiritismo cristão), que todo acerto, como todo erro são realizações internas, onde por natureza e para vantagem ou desvantagem do ser, provocam situações de paz ou tormento. É pouco o pedir-se hoje a alguém que *medite* no alcance interno das ações aparentemente externas. O homem experimentado nas coisas transcendentais sabe sentir, mais do que simplesmente pensar, ser seu estado, ou condição de ânimo, produto de sua atuação em obras, antes que efeito de sacramentos e títulos pagos a bom preço, ou donativos feitos em tom meloso...

Outra, porém, é a escola que se cursa no mundo! E foi nela que me formei... Por isso mesmo aqui me acho como testemunha de factos acontecidos, que a todos interessam, pois a todos são comuns o programa evolutivo e os santos destinos. Toda lei é de carácter universal. *Ninguém é especial*, nem frequenta escola à parte, neste mundo. A todos incumbe desenvolver as qualidades morais e intelectuais que hão de um dia, torná-lo *autor do seu próprio destino*. Tire pois o homem de dentro de si tudo quanto possa e queira para engrandecer-se, de vez que há de angelizar-se por seu trabalho e esforço e não pelo de terceiros. Quando o ensinamento recebido for bom, ser-lhe-á proveitoso, mas não deixará de ser inferior ao proveito gerado da ação espontânea. Lanternas exteriores, singelas ou fantasiosas, policolores ou não, jamais poderiam iluminar o templo de facto que é o da *Individualidade*. **Quem desejar luz, acenda-a por si mesmo no seu mundo interior.**

PROCURANDO UM RUMO

Tenho por certo que eu e António, durante muitos dias, molestámos as nossas respectivas famílias, não sendo igualmente inverdade que tangemos mal a alguns dos nossos melhores amigos, causando-lhes mal-estar, tudo na ânsia de conseguir melhora. Foi só depois de passar pelo cadinho de aprendizados muitos, que viemos a ter conhecimento da extensa série de leis que estão ao dispor do homem, na carne ou fora dela, para efeito de influências, benéficas ou malélicas, espontâneas ou exercidas de propósito.

Nós dois, porém, fa-lo-íamos por incompreensão. Nada sabíamos dessas coisas. E foi por isso que um dia, quando Rosa e Maria, as duas viúvas, se encontraram, uma disse à outra com ares tristes e pensamentos descrentes:

— Estou desolada, minha amiga, tudo vai mal. Estão se passando coisas no sítio, que não posso entender. Brigam os que eram mansos, saem os mais velhos empregados. Ninguém mais pode dormir sossegado. Até parece que as *almas do outro mundo* andam por lá... Há quem diga, o Belarmino, que tem a mania dos espíritos, que são os dois que andam juntos, a fazer estripulias por estarem precisando de esclarecimentos... Que acha você disso tudo?

— Eu — confidenciou a interpelada — acho que devemos procurar um meio, um modo, um recurso qualquer para pôr termo ao que se está passando. Lá em casa também, principalmente no laboratório...

— Credo! — exclamou a interlocutora, arregalando os olhos e fitando ansiosa a amiga.

— Pois é. Eu não ia contar nada, para não lhe impressionar mas, como você falou primeiro, vou lhe dizer o que anda acontecendo por lá: meu marido anda mexendo em tudo lá na farmácia...

— Virgem Santíssima! — murmurou Rosa — Estou toda arrepiada.

— Não é para menos. Escute o que lhe digo. O Gaspar, o nosso velho empregado, já por diversas vezes saiu correndo do laboratório com os olhos fora das órbitas! É horrível!...

— Estamos perdidas se isso continua! — gemeu Rosa, empalidecendo.

— Com fama de casa mal assombrada, quem mais irá à farmácia?! Se não dermos um jeito, Rosa, ficarei sem ter com que criar os filhos!...

E o silêncio desceu por instantes sobre ambas. Entregaram-se por alguns minutos à meditação, até que Maria indagou, súplice:

— Por que você não fala com o Belarmino, que é metido em coisas de espíritos, sobre alguma reza que se possa fazer para nos livrar deles?... Mas, Rosa, seria bonito deixá-los entregues ao sofrimento?... Como é desagradável pensar que sofrem, quando, em verdade, foram bons maridos e bons pais!... É certo que Antônio... Mas, deixemos isso...

Ante a exposição de Maria, viúva do farmacêutico, Rosa comentou, satisfeita, como quem acha o que de muito vinha procurando:

— É isso mesmo que eu vinha pensando! O Belarmino, que eu saiba, é fraco no entendimento dessas coisas: ele bebe, fuma, joga, diz coisas... Apenas, é instruído. Há, porém, aqui, um senhor chamado Furtado, que é homem de bens, embora seja ainda novato em espiritismo. Segundo me disseram, para essas coisas o *caráter* é mais importante que a *leitura*. Poderíamos falar com ele. O Belarmino é muito chegado a esse senhor. Além disso ele é meu freguês de leite, verduras, etc.

Ao cabo de alguns minutos estava resolvido: Rosa mandaria recado ao Sr. Furtado pedindo para fazer uma sessão na casa de qualquer delas. As duas mulheres procuravam, assim, uma solução favorável para os problemas que as defrontavam.

Eu e Antônio, vez que outra, conversávamos sobre o assunto. Embora sabedores da nossa condição de desencarnados, levávamos uma vida triste de *encarnados*. Que fazer, quando o desgosto de ser incompreendido, de sentir falta de paz, de ansiar por tudo, torna a vida uma tragédia? Ah! Mil vezes a vida na carne, mil vezes, a uma vida de incerteza, inquietação, sofrimentos morais e angústias intelectuais. Foi quando resolvemos orar, pedir a Deus um socorro. Rezávamos, chorávamos, redobrávamos os pedidos! Tínhamos no espírito o grande pesar de viver parasitariamente, subtraindo aos encarnados um pouco de tudo, e algumas vezes não pouco... até mesmo em coisas inconfessáveis, em atos de premência bem animal!...

Ao sabermos, portanto, que nossas esposas iam lidar conosco por meio do espiritismo, exultámos. O contentamento invadira-nos corpo e alma! Corpo, sim, *pois é corpo mesmo o que temos*. O grau de densidade é que varia e o torna invisível ao homem terreno, mas é corpo para todos os efeitos, para todas as sensações, para todos os gozos e para todos os sofrimentos. Naquele tempo, pouca diferença notávamos entre ele e o corpo anterior, a não ser a sua transparência. Servia-nos quase que só para causar-nos tristeza, chumbar-nos ao solo, para gemer e chorar. O desespero frequentemente assaltava-nos. Tempo de

incertezas! Parecia-nos perceber falanges numerosas de seres na mesma condição que nós, *a rondarem os encarnados* e a *lhes sugarem* os elementos com que saciavam a fome e as paixões, e começámos a temer pelo resultado dos trabalhos dos espíritos. Conversámos, desconversámos, apreensivos e desejosos de saber mais, de conhecer algo que nos desse mais segurança, para que aqueles que nos eram caros no mundo não viessem a nos custar maiores zelos, por se porem em contato com *duendes das trevas*, ou pelo menos romeiros sem sorte da vida! E foi por ouvi-la falar em Belarmino e Furtado, que nos veio a ideia de os sondar. Saímos à procura deles. O primeiro com que topámos foi Belarmino, que conversava na rua com uma senhora de cor preta. Era a primeira vez que o víamos *depois de "mortos"*. Naquele momento foi que tivemos, ou pelo menos tive, pela primeira vez, a agradável e singular impressão do que fosse uma conversação sobre coisas de doutrina dos espíritos. Quando era vivo, tinha tido ocasião de trocar ideias com ele sobre esse assunto; nada de anormal, porém, sentira em mim nem ao redor de mim. Eis que agora, com o desenrolar da conversação, eles vieram a tocar no meu nome. Imediatamente *fui atraído* para os dois por tremenda *força invisível!* Parecia-me que ia chocar violentamente em Belarmino quando, no último instante, outra lei ou força interveio, desviando-me para o lado esquerdo da senhora de cor com quem ele proseava. Ela sentiu-me imediatamente, porque percebi que me dizia, repetidas vezes:

— Deus te dê compreensão e paz, irmão! Deus te dê compreensão!...

E fazia-o com tal simpatia e sinceridade, que me comoveu.

Como ninguém tivesse tocado no nome de António, nada lhe ocorrera, sem ser que, assustado, saíra de perto dos amigos encarnados, com medo de ser arrebatado pelo mesmo furacão. Ficou à espreita, de longe, desconfiado, até mesmo intrigado. Quanto a mim, nada pude fazer que ser forçado a acompanhar aquela senhora! Por mais que quisesse, não podia afastar-me dela! Ela sabia que me conduzia, e me enviava mensagens confortadoras, que eu às vezes compreendia integralmente, e outras, apenas sentia. Contudo, fiquei satisfeito com o acontecido, porque a companhia dela me causava um raro e delicioso estado de paz. Era como se eu tivesse tomado algum sedativo... Seus fluídos faziam-me um bem enorme. Sentia-me curado de corpo e alma!

Coisa interessante deu-se ao chegar ela à sua residência. Um senhor do nosso plano, muito alto, rodeado de dois outros de menor estatura, veio a mim, dizendo-me coisas sobre a conduta que devia manter enquanto estivesse ao lado da médium, até o dia seguinte, quando haveria uma sessão de espiritismo naquela casa.

— Os senhores são da família? — perguntei — Folgo em encontrar quem queira conversar um pouco comigo, pois preciso de muitos esclarecimentos. Tenho também um amigo que deve andar aí pelas cercanias... Nós desencarnámos juntos...

E enquanto desfiava o meu palavreado, expondo as nossas necessidades e anseios, o homem alto, com extremos de bondade me atalhou:

— O seu amigo está ali, olhe, entre aqueles dois servidores desta casa espírita. Ele também está no programa dos trabalhos, por ter o nosso amigo Belarmino falado ao presidente de mesa deste grupo, o Sr. Furtado. Suas esposas estão aguardando a oportunidade de contato convosco. Contudo, pode estar certo, ainda não poderá falar com ela amanhã. Nem o seu companheiro. Antes, sabemos já que terão de trabalhar um pouco pelos outros, por essas levas de espíritos sofredores que vocês devem ter visto ou reconhecido quando *perambulavam pelas ruas desta cidade*. Precisamos ajudá-los. *Quem não se eleva durante a vida terrena, ao morrer fica chumbado à Terra*, em tristes condições, e nós temos de ir ajudando, esclarecendo e encaminhando esses infelizes.

Fiquei imensamente satisfeito de ver António no mesmo programa de recuperação que eu. Conseguimos sorrir, pela primeira vez, um para o outro, contentes com o rumo que os acontecimentos estavam tomando. Tanta ventura enterneceu-nos e, pensando nos horrores passados, demos graças a Deus do fundo da alma, por haver atendido aos nossos rogos. Foram os primeiros momentos de felicidade espiritual, depois de quase *seis meses de angústias*, desde o trágico dia em que despencámos pela ribanceira abaixo, mergulhando nas águas revoltas do rio depois de sofrermos choques, quebras de ossos e boléus tremendos.

De tudo havendo de chegar a hora, também disso e de nós chegaria. Hoje sei e bendigo que possuímos em nós, por leis fundamentais, o poder de precipitar acontecimentos e fenómenos, *bons ou ruins*. É por ignorância que vivemos a pedir aos céus precisamente aquilo que pela vontade do céu, digo do Deus interno, *temos o poder de realizar*. Melhor, portanto, do que pedir sempre e de fora, é esforçarmo-nos e desenterrar os recursos que temos *dentro de nós*. Em lugar de reclamar terras distantes para lavar, mais judicioso e necessário é lavrarmos a seara íntima, onde muito há que fazer. Para ter é preciso conquistar e a suprema conquista é de ordem totalmente *íntima*.

NA NOITE SEGUINTE

Repleta de acontecimentos interessantes foi a noite que passámos na residência daquela irmã de pele negra. Os guias e trabalhadores auxiliares trataram de múltiplos casos. O que nos foi *dado ver* naquela noite ficará inesquecível em nossa retentiva. *Seres sofredores* vinham haurir, em contato com espíritos bons e no ambiente de paz e saúde, amor e compreensão, o descanso e as noções necessárias para os seus estados.

Estropiados eram devolvidos à normalidade física; quebrantados de ânimo voltavam a sorrir; *dementes e perturbados* recobravam a calma e o equilíbrio. Aquela *casinha* humilde era uma *sucursal do céu na Terra!* Mais tarde, estudando compêndios de nossas bibliotecas, é que entendi ser *o céu externo mera decorrência do céu interno.* Quem alcança regiões distantes da crosta, e por isso mais felizes, por menos eivadas pelas vibrações grosseiras aqui dominantes, é quem internamente já se elevou e purificou e fez por merecer. Aqueles, portanto, que vinham extrair do ambiente as virtudes de que falei, delas necessitavam por não terem *em vida* se preocupado com as mesmas. Em vez de amar, tinham odiado e recolhiam ódio; em vez de perdoar, tinham nutrido rancores e encontravam hostilidade; em vez de praticarem a caridade, cultivaram o egoísmo e topavam com a indiferença, e assim por diante. Quem planta espinhos não pode esperar colher flores. Infringindo as leis da Harmonia Universal, tinham *por si mesmos* se colocado em desequilíbrio e sofrimento.

O mais interessante foi que vimos a irmã de cor deixar o corpo em estado de perfeita consciência. Já havíamos presenciado isso, é certo, mas aqueles que víamos, em nossos dias de tortura, saíam e vagavam como sonâmbulos, tal a pobreza de consciência. Como é pobre, ou se torna tal, o ser que só vive para a matéria, para a sensualidade, as vaidades mundanas, o egoísmo mais estreito! Sabe que amanhã, ou depois, terá de deixar o corpo e enfrentar a realidade da sobrevivência. Mas, *prefere não pensar nisso* e continua a alimentar as paixões que, bem sabe, um dia deverão perdê-la. É como o viciado. Sabe que vai ficar sem dinheiro, que sua família economiza tostões e vive na miséria, sabe que o seu procedimento é indigno, vil, desonroso, mas... alimenta o seu vício! Assim as almas encarnadas... esquecem tudo, sua origem, seus deveres, seus prazeres espirituais, para escravizarem-se aos desejos do corpo e suas paixões grosseiras. É natural que ao desencarnar tenham muito de animal e pouco de humano. A irmã de epiderme escura, todavia, saiu sorridente e feliz do *casulo físico*. Sua aura branca, alvincente, contrastava com a cor do seu pigmento. Chamava-se Jasmim, essa bondosa criatura, e o perfume da flor desse nome parecia envolvê-la, conferindo-lhe forte poder de atração. Sua personalidade irradiava bem-estar celestial! Assim dizia um dos guias e eu pude comprovar a exatidão do seu acerto. Foi dela que recebemos, António e eu, as mais carinhosas palavras, repassadas de sincero sentimento de fraternidade, de encorajamento, estímulo, de auxílio de facto.

Seu corpo, distendido no leito, denotando cinquenta e tantos anos, era como fonte de forças sutis, de recônditos poderes da natura! Sob a pressão poderosa de um dos guias, vi que correntes fantásticas de *fluído cósmico* penetravam nela pela esquerda saindo pela direita com nova coloração; isto é, aquele corpo aparentemente gasto por uma vida trabalhosa, havia atravessado o ciclo inferior e, dominado em seus instintos animais, *servia a um pensamento sublimado*; cedendo a sua poderosa organização eletromagnética, predispuera-se à causa do bem, até tornar-se filtro e conduto de poderosas leis. Era um laboratório minúsculo mas fortíssimo, a espargir curas e santos chamamentos do Senhor.

A capacidade de *captação e irradiação* daquele ser espiritualizado, havia se colocado por sublimação em um grau superior de funcionamento, e *entrava em contato* com as vibrações curadoras do Cosmo!

A noite seguinte chegara, como chegam todas as coisas que independem da vontade dos homens, com a precisão que torna marcante o que faz parte do imensurável **mecanismo do universo**. E a casa pobre foi se enchendo de gente, de criaturas de ambos os planos da vida, de todas as latitudes sociais, culturais e hierárquicas. Foi nesse ambiente de mista textura, de variadas situações de ânimo, que Furtado chegou, arrastando, atrás de si, todo um turbilhão de seres em aparente promiscuidade. *Aparente, sim*, porque ao detalhar as condições de uns e de outros, notava-se que havia, entre eles, gente do serviço de orientação a dirigi-los. Milhares de pessoas, de irmãos, compunham a assembléia espiritual. O número maior era de carentes de paz e venturas. Eram "*sofredores*", como diz a gíria doutrinária, de acordo, aliás, com o Evangelho.

Em pouco tempo, tudo estava **organizado**. Todos dispostos por zonas. Uns mais próximos, outros mais afastados da mesa. Em redor desta, uma trintena dos melhores elementos de direção formavam como um círculo de guarda e a sua presença respeitável bastava para manter a *disciplina* e a *ordem* na heterogénea assembléia. E foi nessa atmosfera de recolhimento espiritual, de contato com o que de mais dadivoso havia no recesso da natureza, que teve início a sessão. Furtado, abrindo o Evangelho ao acaso, leu um pouco sobre a vida de João Batista, explicando aquela afirmativa que faz crer tenha ele sido enviado para o deserto, criança ainda, ou adolescente, lá vivendo de mel e gafanhotos.

Mostrou como João Batista pertencia à *Seita dos Nazireus*, de onde haviam saído todos os grandes vultos de Israel, a contar de Enoch, a sua maior figura da antiguidade patriarcal. Fez entender que aquela seita era de ordem superiormente revelacionista ou *cultora do mediunismo*, e que a ela se deve a esplêndida floração de médiuns conhecida na Bíblia por profetas. O próprio Divino Mestre parte dessa grande escola de virtudes, a qual frequentou para receber do mundo aquilo que o mundo deve conferir a todo missionário e que são: os *conhecimentos formais, ambientais, históricos*, nos quais deverá vazar, em seguida, o que lhe advier como mandato reencarnacionista.

Prosseguindo, Furtado chamou a atenção dos presentes para as contínuas referências do Novo Testamento ao nazireismo, o qual não era bem visto pelo clero da época em virtude dos seus postulados: perfeita pureza, castidade, abstenção de bebidas alcoólicas, simplicidade, pobreza, tolerância, etc. Os nazireus usavam cabelos compridos. Comparou o que fizeram os vultos de Israel com o que fazem os médiuns de hoje, quando são bem intencionados e fiéis executores do sagrado mandato. Citou muitas passagens da vida de Jesus que o mostram curando pelo passe, expelindo obsessores espirituais, mantendo colóquio com os espíritos bons, deixando como vestígio da sua passagem pela Terra o exemplo de melhor mediunismo jamais nela praticado. *Jesus* — disse o diretor — *era médium*, o mais completo que se possa imaginar, visto possuir todas as faculdades desenvolvidas ao máximo. Jesus tinha, disse, o Espírito expandido sem medida; *era médium completo!* Não fez milagres, provocou fenômenos através de leis. Lembrou que Jesus mesmo disse: "tudo isso que faço, e mais ainda, podereis fazer" e mais: "Se tivésseis a fé do tamanho de um grão de mostarda, nada vos seria impossível."

Frisou que sobre Jesus foram escritas para mais de oitenta obras, no primeiro século, sendo de notar que mais tarde, homens houve, sectários, estreitos, mesquinhos, fanáticos,

incapazes de respeitar as verdadeiras exposições dos documentos, que alteraram e falsificaram muito, com o fito de garantir autoridade apenas para as suas afirmativas interesseiras, onde prevalecia o cunho político-financeiro. O Jesus que viveu o Cristo, foi um homem cheio de dons naturais bem despertados. Nós também os possuímos, por natureza, mas em *estado embrionário* e precisamos despertá-los e desenvolvê-los.

Vimos, em seguida, ir *saindo* o espírito da senhora de cor, para que, por intermédio dela, se comunicasse um dos mais luminosos seres do ambiente. Era um homem de aparência muito jovem, mas que causava forte impressão pelo seu todo psíquico. Seria de todos talvez o mais velho, o mais amadurecido, aquele que mais havia realizado e colhido na árvore da vida, à custa de bem orientadas experiências. O espírito confirmou as palavras de Furtado, assinalando que ao tempo do Divino Mestre, o que hoje se chamam *fenómenos espíritas* eram cultivados nos *Cenáculos nazireus, a portas fechadas*, em virtude de serem proibidos e perseguidos pelo *judaísmo*. Jesus veio "**religar**" a Terra ao céu, trazendo para o meio da rua, para o conhecimento e prática de todos, os factos e a moral que permitia estabelecer essa ligação. Por isso, espiritismo não é apenas uma religião mas **A Religião**.

Disse e reiterou por diversos exemplos, que tudo aquilo de que tratam os livros do Novo Testamento já era do conhecimento e culto dos nazireus, pois eles viviam em perene contato com os espíritos, os anjos esclarecedores, os mensageiros do Supremo Chefe Planetário.

A assembléia bebia as palavras da elevada entidade com verdadeiro encantamento, não só pelas revelações feitas como pela sua harmoniosa e agradável maneira de falar, que cativava profundamente. Lembrou ele que o fenómeno do **Pentecoste**, a eclosão mediúnicamente denominada batismo do Espírito Santo, *era o sistema de culto dos Apóstolos*, e tinha conteúdo essencialmente *revelacionista*. Fez referência à Epístola de Paulo aos Coríntios, primeira carta, capítulos 12, 13 e 14, onde o Apóstolo dos estrangeiros indica o modo básico de reunião para efeito de intercâmbio entre os homens de aquém e além carne. (Os apóstolos realizavam o que hoje se chama *sessão espírita*. Quem duvidar veja o texto da Epístola!).

Quando terminou de falar, todas as mentes estavam profundamente saturadas de um suave magnetismo e bastante instruídas a respeito de espiritismo e cristianismo.

Depois da preleção, outra senhora facilitou acesso dialético a outra entidade, uma mulher muito bela em sua vestidura alvíssima, a qual, dirigindo-se às mulheres, lhes recordou quanto a civilização do futuro iria reclamar delas em matéria de cuidados, atenção e esmero moral, para que as extravagâncias de toda ordem não envolvam o mundo em seus tentáculos caóticos. Denotando bons dotes de profetiza, discorreu sobre o *que será o terceiro milénio* e o que é preciso fazer para auxiliar o seu advento e participar das suas alegrias.

Os acontecimentos desenrolados nesse dia — e faz isto quase trinta anos! — vieram confirmar as seguras previsões daquela mulher extraordinária, de beleza e sabedoria desconhecidas na Terra. Também nunca mais a vi.

A seguir, Jasmim deixou o corpo, como que adormecido na cadeira, e veio para o nosso lado, onde figura a par e igual com os elementos máximos da falange superior. Furtado também, esse denodado trabalhador, deu entrada triunfal em nosso plano, tendo sido enviado para outras regiões, onde o programa de serviço lhe reclamava a presença.

Muitos seres passaram pelo grupo. De muitos servidores do plano físico já me vali, para dar comunicações diversas, nesses vinte e tantos anos de lutas e doces convívios, mas nunca mais vi aquela mulher toda vestida de branco, a refulgir como se fora fanal celeste!

VISÃO RETROSPETIVA

Ao término da sessão, quando aguardava instruções sobre o que me seria dado fazer naquela colméia espiritual, eis que me vem ao encontro simpática figura de mulher, sorridente e feliz, de olhar expressivo e voz branda, como portadora de venturoso convite:

— Convide o seu e nosso amigo, porque temos de partir imediatamente. O senhor deve entrar o mais breve possível no conhecimento de certos factos desenrolados em *longínquos dias*, cuja recordação lhe é necessária. Como tal ordem vem do Distrito Astral a que o senhor pertencia antes de encarnar, deve-se deduzir que ela encerra um convite para prosseguimento de trabalhos de resgate e progresso. Alegre-se, meu amigo, com a graça que lhe é oferecida de ressarcir débitos do passado e continuar a sua evolução.

— Sou grato, senhora — respondi — ao Supremo, por tudo que acaba de me ser revelado. Sou também muito grato a quem não tenho ainda a honra de saber o nome, mas que me convida, mensageira que é de chefes esclarecidos e bondosos, para penetrar portas adentro de saberes, sem os quais nada poderia intentar, quer para melhoria de condições, quer para traçar rumos progressivos.

A bondosa senhora primeiro declinou o seu nome, dizendo-se serva pequenina de todos aqueles que apreciam a compreensão e procuram praticar o bem. Depois, franzindo o sobrolho pela primeira vez, como a sentir o contragosto de ter que por em função uma palavra de observação, esclareceu:

— Disse estar agradecido ao Supremo por aquilo que lhe transmitimos, como convite a novas realizações e conhecimentos, para si interessantes. De facto, amigo Ambrósio, nossa atitude deve ser de perene agradecimento ao Emanador. Dia a dia, minuto a minuto, deve aumentar nosso amor para com o Pai, que não só *nos tirou de Si*, como nos mantém e prepara para um futuro feliz, tal como o pai terreno, que (favorece o meio) alimenta, educa e ensina o filho a viver por si. Porque Deus provê até o ar que respiramos, a conservação do nosso corpo, tudo enfim. Não podemos olvidar, também, que nossa condição de semideuses nos torna artífices das nossas próprias condições, forjadores de situações felizes ou dolorosas. Ninguém deve responsabilizar a Deus, que é em nós BASE e QUALIDADE, por

Ihe advirem dores no curso da vida. O justo é volver os olhos para **dentro** e compreendermos autores diretos de situações boas ou ruins. Há explicação para tudo e com o auxílio do espiritismo é possível localizar nossos *atos mais remotos* que deram causa às atuais condições. No quadro dos valores inatos é que Deus está presente dentro de nós. Temos o poder de criar, e liberdade de aplicar esse poder para o *bem* e para o *mal*, arcando porém cada um com a responsabilidade do que fizer. Venho, portanto, ao convidá-lo, transmitir um recado superior; mas, note bem, filtrado o seu mérito íntimo por aqueles que estão colocados, pelas suas altas conquistas, em postos de mando e autoridade, acharam eles que o amigo já está em condições de aproveitar o ensejo que Ihe é oferecido. Não fossem seus méritos intrínsecos, suas realizações últimas, e não estaria eu aqui, em nome deles, a convocá-lo para novos progressos. Creio que compreende o que digo: o que Deus nos fez foi tornar-nos capazes de **autoconstrução**. Caso queira investigar a lógica do que afirmo, como irá mesmo ter tempo de fazer, averigüe nos próprios seres, sofredores ou felizes, onde está localizada a determinante do seu estado. Verá que *nas obras pessoais*, e nunca nos favores ou nas iras de Deus. *Em Deus, tudo é Justiça*, e Justiça que, para ser integral, age *automaticamente* dentro mesmo dos seres e das coisas. É a lei de ação e reação, causa e efeito, chamada lei do *Carma ou do destino*. Todos os seres e todas as coisas possuem valores íntimos próprios, que devem movimentar e desenvolver. Jesus, o Instrutor Máximo da Terra, não encarnou para salvar diretamente os homens, mas sim mostrar como cada qual pode *salvar-se* e ajudar os outros a se salvarem. Cumpra cada um o seu dever e estará trilhando o caminho da salvação.

— Essa teoria vale por uma revelação, principalmente para o meu entendimento de homem criado sob moldes adoradores exteriorísticos. Como deve saber, irmã Marta, fui educado num culto onde tudo se busca fora, por milagres, graças, e pouco resta ao homem interno por fazer. Eu não sou culpado de ser idólatra ou antropomorfista, de ser um traidor da doutrina de Jesus-Cristo!

A esse tempo, muita gente deste plano rodeava-nos dentro daquele lar humilde, materialmente pequeno, mas que se estendia para além das suas paredes de tijolos. E foi com muito peso na palavra que Marta voltou à fala:

— Pois *está a findar um ciclo*, para efeito de *passagem à nova etapa evolutiva*. A humanidade precisa pensar um pouco mais nos sublimes valores internos. Tratar deles com mais atenção e carinho, em vez de esperar de fora a salvação. Jesus deixou-nos uma recomendação nesse sentido na parábola das virgens, na qual nos mostra que as pessoas *prudentes* tomam providências para que não lhes falte luz, enquanto as *loucas* esperam a *salvação* do auxílio de terceiros. Adorar a Deus exterior, descuidando o sagrado dever de desabrochar as divinas qualidades internas, seria o mesmo que pretender saciar a fome ou a sede à força de ver os outros comendo ou bebendo. Desbravemos os sertões internos para que, nas terras seivosas da santidade genérica, possamos ostentar florações dignas da mesma.

Como ninguém mais falasse, e estando António junto de mim, disse ela em tom que comportava um misto de autoridade e bondade extrema:

— *Vamos, que nos aguardam.*

Partimos, de facto, como que arrancados por tremenda força! O grupo, composto de uns vinte e tantos espíritos trabalhadores, mais uns cinco ou seis recém-esclarecidos, inclusive eu, demandou paragens várias do mundo espiritual. Três aqui, dois ali, outro além, e a caravana foi-se desfazendo. Despedidas alegres umas, tristes outras, e chorosas também. Tudo humanamente sentido, superior e inferiormente, de acordo com os transe ou a intensidade dos traumas psíquicos do momento.

Naquela mesma noite, muito havia de me acontecer ainda! Coisas muitas se deram, de rir e de chorar. Cenas chocantes, interessantes, doces, amargas. Momentos de entusiasmo! Momentos de quebrantar! Tanto encerra a vida de um homem. Tudo *visões do passado!*

Chegados a uma casa para mim desconhecida, vimo-nos subitamente diante de uma *aparelhagem complicada*. Marta convidou-me a ocupar lugar em frente à máquina, junto com António e uns poucos espíritos. Uma prece foi feita ao Senhor dos Mundos, finda a qual pude divisar inúmeros *seres de alta hierarquia*, cuja irradiação balsamizava agradavelmente o ar. Percebi que formavam um segundo círculo e os seus olhares denotavam pureza e mansidão. O ar tornou-se levíssimo, ao mesmo tempo que suave embriaguez me invadia os membros. Noções novas vinham-me à ideia sobre pessoas e factos da minha vida. Sentia pena de mim mesmo e de todos os seres, bons e maus, grandes e pequenos. E lágrimas começaram a correr dos meus olhos, silenciosamente. Não sei explicar o turbilhão de sensações que me empolgou. Em cima do aparelho formara-se uma névoa leitosa que, aos poucos, se dissipou, *surgindo paisagens* de lugares, árvores, pessoas e casas. O cenário, a princípio minúsculo, foi se avolumando e aproximando, a ponto de tomar aspecto natural. Via-se perfeitamente o que faziam e diziam as pessoas exóticas que nele apareciam. Uma delas pareceu-me ser minha conhecida, não sei porquê. Firmando a vista, *reconheci-me a mim mesmo!* A capacidade, aparentemente mágica, daquele aparelho revelava-me, mostrava-me, fazia-me viver, reviver, sofrer e gozar. Que turbilhão de anseios, de repulsões, de tremores e temores, meu Deus! Gritei, pedi, implorei; e por fim cedi... Não era eu que mandava; eram razões superiores, por *erros graves antanho cometidos...* Hoje percebo quanto me era necessário passar por aquele cadinho informativo e purgador.

Mas, indagarão, o que foi que se deu? Apenas isto: por lei, como devem saber, até os *minérios* absorvem e guardam impressões vibratórias. É a psicometria? Que seja; mas é bom lembrar que a **lei das vibrações age sobre tudo o que vive ou é, seja espírito ou matéria**. É certo que, em princípio, tudo é ESSENCIALMENTE ESPÍRITO, por ser Deus ESSÊNCIA UNIVERSAL, ponto de partida de tudo e todos. Tudo, pois, é em base um mesmo elemento, *variando os estados de manifestação* e as condições de aglutinação molecular. Como criou Deus esse elemento base, *ninguém sabe*. Constata-se a sua existência e ninguém de bom senso dirá que Deus foi buscá-lo aqui ou ali. O segredo das origens pertence ao número das coisas que não nos é dado saber, *ainda*.

Recebendo, portanto, a matéria, como sabemos, influências vibratórias, como não guardaria em si o espírito, em sua matéria quintessenciada, os seus registros históricos? Que é a *memória*, senão a faculdade de *entrar em contato com* esses registros? Digo mais:

não pode ela evitar essa influenciação, que independe da vontade. Quantos desejariam esquecer certos factos e não o podem? A *psicometria*, ou seja, a prospecção da alma, *permite saber tudo o que aquela alma fez ou presenciou*, embora ela mesma disso não tenha consciência, no momento.

Revi, pois, fases diversas de *vidas passadas*, num misto estranho: ora apreciava os factos de fora, como *espectador*, ora *revivia* aquelas situações, sentindo emoções fortes e passando, de novo, bons apuros. Presenciei meu nascimento na Palestina, pouco antes da vinda do Senhor à Terra. Mudei-me depois, com o meu grupo familiar, para os lugares onde em tempos remotos tinham existido as cidades de Sodoma e Gomorra, condenadas a desaparecer sob o fogo celeste, devido aos seus crimes. Espalhadas pelo chão, algumas ruínas quase cobertas pela vegetação rasteira atestavam a execução dos decretos divinos. Rebanhos pastavam calmamente, na pradaria extensa. Poucas casas. Ao lado, o mar, histórico e sepulcral Mar Morto, assim chamado devido ao excesso de salinidade, que não permitia a presença de peixes. De permeio, para a direita, no confim do Lago Salgado, as benfeitorias dos Nazireus, com o seu Cenáculo. Terras, campos, hoje estéreis, praias, templos, tudo revivido, tudo renovado para que um criminoso — *eu!* — pudesse inteirar-me de feios cometimentos!

Qual o móvel de tudo? Permitir ficasse eu sabendo que por tais bandas, como homem formado, senhor de terras, parente de padres, inimigo fidagal da Seita Profética, pus em jogo, por ignorância e em defesa de interesses de parentes, uma trama contra quem viria a marcar, por todos os tempos, o valor máximo no cômputo dos merecimentos humanos. Endurecido e egoísta, não havia nazireus que me topassem bem! Achava que os sacerdotes e fariseus tinham sobras de razões para perseguir aqueles feiticeiros, portadores de ideias revolucionárias, cúmplices do diabo! Mal andavam as autoridades em apenas afastá-los de suas funções. Cumpria persegui-los por todos os meios! Nada com a gente que infringia e corrompia a Lei de Moisés! Aqueles elementos *tinham contato e conversa com os mortos!* O que cumpria era persegui-los de todos os modos! Lapidá-los! Exterminá-los!

Tal era o meu modo de entender.

CENA ESTÚPIDA E COMPROMETEDORA

Sei bem o que pregam hoje católicos, protestantes e espiritistas, sobre o nascimento do maior espírito da demografia terrícola. Sei que afirmam ter ido o Precursor, em criança, para o deserto, lá vivendo de mel e gafanhotos. Isto é o de menos, pois ainda se come bichos pelo mundo afora. Porém, que admitam *ter sido o menino enviado para o deserto, isso é absurdo. Foi, sim, para um Cenáculo nazireu* na fronteira do Egito, remanescente das escolas do profetismo hebreu. Naquela região desértica florescia, ainda, *a mais profunda escola espiritualista de todos os tempos*, aquela que contou em seu seio com o que de mais importante deu Israel, a escola então ocultista, que foi *reerguida por Samuel*, o grande vidente. Suas portas foram escancaradas, mais tarde pelo Cristo, que tornou seus ensinamentos

suas práticas de direito geral das gentes, a quantos queiram conhecer a Verdade. As práticas mediúnicas eram mal vistas pelo judaísmo, como ainda o são por todos os que vivem para a matéria e nada querem com a espiritualidade. Escudavam-se os sacerdotes na proibição das evocações, estabelecida por Moisés em virtude do desvirtuamento das finalidades do intercâmbio, por parte da população. A moral evoluiu. Ao tempo de Moisés imperava o "*olho por olho, dente por dente*". Jesus substituiu essa fórmula pela do **perdão**. Os livros da antiguidade consideravam que "o temor de Deus é a base da sabedoria", ao passo que o Cristo, fazendo novas todas as coisas, mostrou que a base da sabedoria é a caridade.

Que pensem o que quiserem os que me lerem, se quiserem ler. O que digo é claro como o sol meridiano. João Batista, e também o Divino Mestre, frequentaram aquele Cenáculo, (embora em épocas diferentes), *tal como convém a todo missionário que, reencarnando, submete-se à lei do esquecimento e necessita despertar ou completar conhecimentos históricos e doutrinários, para sobre essa base edificar a sua obra*. Não é exato que o Cristo tenha desaparecido aos doze anos, como não é certo que o Precursor tenha vivido sozinho no deserto até se tornar homem, e capaz de cumprir o mandato que, em tempo, lhe seria indicado pelo Alto. Igualmente me lanço hoje a falar, assistido por agentes mensageiros do plano astral, em cumprimento da lei, de superiores desígnios, mau grado minhas pequenas capacidades. Muitas podem ser as concepções na Terra e no astral, mas a realidade total é uma só, e esta independe de concepções.

Sei perfeitamente bem que ninguém tirará proveito libertador do facto de computar o Mestre entre os Nazireus, ou do seu aparecimento ou desaparecimento aos doze anos, ou coisa que o valha. Todos são livres de aceitar uma ou outra versão, ou de recusar as duas. Tudo redundará inútil, se o estudioso não se resolver a levar à prática, a incorporar os ensinamentos do maior dos vultos da Terra, o seu Diretor Planetário, o seu Guia, em viagem instrutiva para todos os homens, de todas as épocas, o cumpridor celeste da promessa de derrame do espírito sobre a carne¹.

Voltando ao episódio em que me vi às margens do Mar Morto, deparei com o Divino Mestre, por entre dunas e cordeiros, a meditar nas coisas que tinha de mister, na solidão das noites cálidas de verão, em preparos para a grande e triunfal sortida. Tinha ele mais ou menos vinte anos de idade. Eu beirava os meus quarenta. O aspecto sonhador e angélico daquele jovem não me comovia.

Interpelei-o um dia sobre o assunto das suas meditações. Falou-me, então, das veredas de Deus, dos anjos instrutores, das faculdades dos profetas, das coisas que iria fazer, da grande mensagem que trazia ao mundo. Eu não podia compreender a sua preocupação com coisas tão transcendentais e, muito menos, as suas teorias sobre do que o mundo precisava. O espiritismo de hoje, cristianismo restaurado, bem faz supor o que me teria dito o Mestre. Impacientei-me, sem conseguir que ele se alterasse.

¹ Vide — "Um Médiun de Transportes" e "A Caminho do Céu" (do mesmo autor)

Belo, muito belo, manso, muito manso, hoje me espanto de não ter percebido a sublimidade daquele ser. Mas, eu pouco pensava nas coisas superiores e o principal da chamada criação para mim era o mundo terreno. O resto, secundário. Ele voltava o seu olhar claro e profundo na direção de Jerusalém, onde, devia saber, findaria seus dias por entre os apupos de uns, as sanhas assassinas de outros, as preces de alguns e todas as bênçãos do céu. Não obstante o seu todo pacífico, as ideias que expelia me escandalizavam. Increpei-o de incompetente e inexperiente para opinar sobre o assunto.

— Um dia me dareis razão — respondeu ele, fitando-me serenamente.

— Nunca! — exclamei exaltado, com ímpetos de feri-lo. Prometi-lhe pancada e por pouco não o agredi, como primeira dose de veneno que o mundo lhe daria. Ele, porém, manso e compassivo, foi-se indo pelo areal afora, depois de dizer com profundíssimo acento:

— Se a Verdade estivesse contigo, por certo serias manso e humilde, tolerante e benigno, ainda mesmo que eu estivesse errado.

A meu mau grado, não pude deixar de sentir o tom melodioso e agradável daquela voz bem timbrada. Causou-me também admiração a novidade da resposta, bem como a doçura desassombrada do adolescente.

Depois desse facto, *mais de dez anos passados*, havendo-me trasladado para Jerusalém, de novo vim a atritar com o mesmo homem, agora já bem mais grave em sua apresentação fisionómica. *Os mesmos belos traços*, mas um pouco mais de gravidade nos olhos infinitamente sonhadores. Descalço, o manto opalino, cabelos repartidos ao meio, barba bipartida, voz sonora, com harmoniosas modulações, dotada de possante convicção, caminhava ele por entre a turba de admiradores, curiosos, doentes e discípulos:

— "Buscai o reino de Deus e sua Justiça, e tudo o mais vos será dado de acréscimo" — repetia sempre.

Suas palavras, a meu ver, espargiam o veneno da desobediência ao código de Moisés. Com os poderes cabalísticos que todos os nazireus pareciam possuir, prodigalizava ele curas espantosas, milagres esses que eu acreditava serem provas irrefutáveis de conluio com Belzebu.

Com frequência recordava aos ouvintes que a sua passagem pelo mundo *seria rápida*, que meditassem nas suas palavras pois era depositário de grande mandato, da celeste promessa do derrame do espírito sobre a carne, a fim de que todos pudessem profetizar e testemunhar a realidade do mundo espiritual. Declarou que deixaria na Terra, para sempre, a prova da sua passagem, tanto pelas obras como pelos ensinamentos, e acima de tudo pelo Consolador, que mandaria para representá-lo e ficar conosco, quando fosse sacrificado pelos homens. Vi-o dizer, várias vezes, *aquilo que os livros não registram*, de serem todos os homens iguais perante as leis que regem o universo. Muitas e belíssimas coisas disse ele ainda, que os livros não consignam mas que, a seu tempo, virão a ser conhecidas. Dotado de fascinadora eloquência, vi-o arrulhar como pomba e bramir como leão, chorar com o povo

e enfrentar sobranceiro o orgulho de uns e a prepotência de outros. Vi-o arrastar pelas estradas poeirentas a fora, multidões e multidões, quer da carne, quer de gente de outros planos da vida. *Vi, acreditem, o Cristo dentro e fora dos quadros físicos.*

Acompanhei, como comprometido, ao martírio da cruz! Meu primo, padre fanático e cruel, tinha por certo que liquidar aquele perturbador da ordem, era dever sagrado a cumprir. As vibrações da ignorância e do egoísmo, do mal enfim, excitadas desde o início da missão renovadora do Mestre, tinham atingido o paroxismo! A conturbação, senti-o mui bem, fazia fremir a atmosfera da Terra. O mundo e tudo o que era do mundo repelia com violência aquele que lhe falava do espírito.

O homem materialista esquece as faculdades superiores de que é dotado e despreza os prazeres sublimes da alma, empenhado em satisfazer os do corpo. Um dia chegará, porém, em que as dores e desilusões o levarão a procurar uma felicidade mais durável e ele compreenderá e aceitará o que antes rejeitava.

Cristo a todos veio apressar esse dia. Pregando e exemplificando a superioridade do espiritualismo, ele nos leva a pensar nas verdades que revelou e a converter-nos ao Bem mais depressa.

Revendo hoje a cena culminante do Calvário, percebo, graças ao duplo poder de penetração deste aparelho, as falanges trevosas dos dois planos exultando de ódio e alegria com a morte do Justo. *Encarnados e desencarnados*, identificados pelos mesmos sentimentos, vibravam de gozo com a derrota aparente do Cristo. As mentes ensombradas excitavam-se uma à outra, ensejando os maiores crimes. Focalizei os dois ladrões e vi que eles vociferavam e maldiziam, *sendo errônea a lenda do bom ladrão!* É invenção humana, assim como muita coisa mais, que é tida por verdade provada, ou como verdade admitida. Pareceu-me ter visto dois vultos deslumbrantes de luz, amparando o moribundo e por fim conduzindo-o, por entre legiões de legiões de seres alegríssimos. Vi que se formou então uma nítida separação entre o que ia mais para cima e o que ficava embaixo, ao rés do chão!

Vi, saiba quem quiser saber, o que estou relatando e aquilo que não quero relatar. *Basta isso que aí fica.* Não posso — porque não é possível — com o meu pouco, salvar os meus irmãos terrenos, mesmo porque a libertação de cada um há de ser resultado do esforço próprio e *só virá por obras.* Todos deverão aliviar a sua carga de defeitos, para poder librar-se aos ares. Cada imperfeição eliminada é mais um grilhão de que nos desprendemos. Atos, palavras, pensamentos incorretos *são bolas de ferro* a reter-nos no solo. Milhares de pessoas têm escrito sobre o drama do Calvário. Disseram o que entenderam dizer, baseando-se no que ouviram contar. Em consequência, muitos erros passam por acertos, mas não prejudicam nem alteram o fundamental, contido no Evangelho. Também pedi para contar alguma coisa, por mim mesmo vivida, como parte daquele drama. Procurei entrar a missão do Cristo, resultando ficar ligado à mesma, pois não há ato nem pensamento que não tenha suas resultantes. Todavia, os obstáculos opostos pelos homens já estavam previstos e a missão do Santo cumpriu-se. Trouxe ele, assim, para a praça, aquilo que era *ocultamente praticado pelos grandes mestres.* Foi o Cristo quem vazou aos homens um batismo em Revelação, sem as características de cor, credo ou fronteiras. Foi o Cristo quem fundiu todos

os ensinamentos num só: o Amor; todos os deuses num só: o Pai; todos os homens num só: o Filho.

ANTÓNIO NA BERLINDA

Foi o Cristo quem demonstrou inteligentemente aos homens o sentido do versículo bíblico que diz: "Vós sois deuses". Fê-lo exibindo os poderes de facto desdobrados. Todo homem é em si portador de um Cristo interno, o qual deve fazer resplandecer e nessa refulgência alçar-se aos páramos do Supremo Estado, onde não mais poderá ser atingido pelas maldades, que terão deixado de exercer sua influência sobre ele. Jesus disse: vós também podereis fazer isto que eu faço e mesmo mais, convidando-nos assim a desenvolver os referidos poderes latentes, hoje chamados mediunidades.

Sim. Na mensagem do Cristo todas as mensagens estão inclusas, as passadas e as futuras. Porque o Evangelho é a Vida em função, em todos os sentidos. Seus capítulos ir-se-ão desdobrando, suas sentenças distendendo-se, seus profundos sentidos irão penetrando cérebros e consciências, sob o manto esclarecedor do *mediunismo bem cultivado à luz do Amor*. O Consolador, prometido por Jesus, ou seja, o espiritismo, que nada mais é que o cristianismo em sua pureza e beleza originais, é o informante eterno ao dispor do homem.

Ao fim de pouco tempo, quando o *meu suor de espírito* me banhava todo, despertei para o estado consciente. António, então, entre medroso e confiante, balbuciou:

— É a minha vez?...

O mentor principal disse-lhe, benévolo:

— Por ora não, irmão António. Terá que passar ainda *outra vez pela carne*, pelo cadinho redentor e evolutivo, *antes de enfrentar essa visão retrospectiva*. O seu estado não permite ainda que entre no gozo de tal conhecimento, pois saber é sempre um prazer, principalmente quando se sabe que quase tudo está desfeito, por meio de atos meritórios praticados posteriormente. Você viu o primo de Ambrósio, aquele clérigo fanático, que tanto tomou parte no tremendo drama?

— Vi, sim senhor. Mas vi somente como quem *vê num teatro*...

— Pois eu te afirmo, pelo que sei da *história de ambos*, que da próxima vez que vier da carne, se bem se desempenhar por lá, este aparelho estará ao seu dispor para entrar no conhecimento vivo daquela encarnação, assim como Ambrósio *viveu e reviveu hoje o dele*. Porque foi você quem viveu aquela personalidade... Não se assuste, porém, com essa informação, por já estar quase tudo pago e resgatado. Falta um pouco, apenas, para um grande passo...

Ora, mesmo conturbado mentalmente, não podia ouvir falar em boas ações praticadas, sem me lembrar de certos factos da última encarnação, a pesarem no quadro das circunstâncias gerais e a influenciarem desagradavelmente no meu estado, onde poderia reinar desejável paz de espírito. Tínhamos, bem nos lembrávamos, procedido mal para com os nossos fregueses, embora sem grave prejuízo para eles, em vista da fragilidade do suborno por nós posto em circulação. Lesámos muito, lesámos pouco, em face do Tribunal da Consciência? Eu sentia que havia errado e que o peso do erro ia como me achatando, comprimindo, aterrorizando! E foi nessa hora que uma angústia invencível me invadiu, obrigando-me a reclamar explicação da parte daqueles benévolos instrutores.

Foi em pranto que me volvi ao instrutor chefe para lhe falar. Não pude fazê-lo, é claro, tão emocionado estava. Ele compreendeu e dirigiu-me palavras de consolo. Não negou que eu tinha errado bastante, enchendo o farnel de responsabilidade com muitos agravos. Porém, disse: você também fez boas coisas; foi solidário com obras de alcance social, auxiliou na construção de hospitais, abrigos, deu esmolas bem precisadas, criou dois filhos alheios, etc.

Passou-me a mão pela mente, levantou-me o semblante, acrescentando em seguida, plenamente consciente da realidade que defronta cada criatura:

— Ambrósio, ninguém nasce perfeito. A evolução é lenta e laboriosa para todos. Não se deixe aniquilar pela impressão da própria inferioridade. Mais culpa carregam *aqueles que absolvem faltas alheias e ensinam de modo tão frouxo*. Você não era tão responsável quanto hoje lhe parece, porque o "*quantum*" dos seus conhecimentos era e é relativamente baixo, em matéria de leis e de religião. E como no passado cometeu falta bem mais grave, o que realizou na última encarnação já representa um progresso, que é levado em conta. Outro, no seu estado, mas contando com mais vantagens e precedentes mais favoráveis, não teria recebido tão depressa o acolhimento que você está estranhando. Terá tempo para desfazer-se desse peso, bem como para alar-se aos empíreos lugares, às mais puras regiões.

Encarou-me com os seus olhos lúcidos, com a força da sua personalidade possante e sorrindo confidenciou, colocando-se modestamente no mesmo nível que eu:

— Também tenho muito por liquidar ainda... Vislumbro *uma volta à densidade da matéria* para, em resgatando faltas e conquistando méritos, poder elevar-me àquelas regiões de que falámos... Todos nós, aqui, somos ainda grandes devedores... E como vê, não nos pede o Deus Interior, por meio dos Seus agentes orientadores, e distribuidores de serviços, uma reforma pronta e radical, uma total e imediata emancipação. Teremos sempre tempo, desde que não cometamos faltas pronunciadamente cruéis, crimes sérios contra as leis de Harmonia Universal.

Enxuguei o meu pranto, sentindo-me como que mil quilos mais leve. Observei que António estava aflito, ensimesmado, e julguei que fosse devido aos mesmos factos. Contudo, não me parecia estar ele sentindo a mesma comoção que eu, depois de passar por aquele crivo impressionante, por aquela revisão potente.

Havia-me tornado muito mais sensível, delicado. Os homens e as coisas apareciam-me sob novos prismas, inspirando-me simpatia. Fisicamente a mudança não era menor. As pernas fraquejavam-me. Uma fraqueza tremenda invadia-me todo, atingindo, a meu ver, o próprio espírito, o mais profundo do meu ser, tal a sensação aguda da pressão moral. Estava reffeito daquela ânsia de pranto, mas a debilidade me obrigava quase a ter de reclamar um leito. O instrutor principal notou isso e fez-me o mais favorável convite que no momento seria imaginável:

— Desçamos um pouco na escala hierárquica dos planos erráticos; vamos ao lugar que virá a ser o de sua moradia. Lá tudo está pronto para recebê-lo, com um bom leito a aguardá-lo... Vamos...

Num segundo, para lá nos havíamos dirigido. Pareceu-me que tudo mudou instantaneamente. Dois leitos em uma sala ampla, onde vasta biblioteca também figurava.

Franqueando-nos o aposento agradável, o mentor esclareceu em tom de despedida:

— Fiquem à vontade... Depois do sono voltarei para lhes dizer alguma coisa mais. Não vindo eu, procurem Manoel, que é também morador deste prédio.

Manoel era um daqueles espíritos bons, o primeiro amigo que nos acatara, grande trabalhador no grupo espiritista que funcionava na casa pobre de Jasmim, alma lustral a animar o corpo de ébano, coração amante a desgastar-se pelos semelhantes.

UMA VISÃO CELESTIAL

Entregue às ordens de um *sono profundo*, tive um sonho deslumbrante. Não sei se se prolongou pelo tempo todo do sono, ou se durou apenas o suficiente para ver o que de mais alto me estava determinado.

Sabemos que *o dormir de um espírito é agir fora do corpo respectivo*, em plano mais rarefeito, tal como acontece com o encarnado, que tem assim a possibilidade de desenvolver atividade em terreno dimensionalmente mais livre, onde as possibilidades de ação quase não conhecem tropeço. *As distâncias, ali, nada significam* e tudo se processa rapidamente, em segundos, desenvolvendo-se cenas que custariam horas e dias na vida carnal.

O que sei é que o mentor principal, aquele que tudo tinha encaminhado, que tinha ordenado a Marta que me fizesse atingir tal plano, de novo apareceu, mas em companhia de minha mãe. O laço fluídico que prende um espírito ao seu perispírito não é menos potente que o que ata o encarnado ao seu corpo. *É um facto!* Por isso mesmo, lembrava-me de tudo, mas da forma que um espírito encarnado lembra, uma vez que o fenómeno se dê em forma

de sonho, e não como no caso de desdobramento lúcido. É bom conceber sensatamente o que é ou sucede por faculdade mediúnica, distinguindo do que é sonho ordinário. No curso do sonho, pois, minha mãe tomou o lugar daquele mentor, no papel de guia, para os esclarecimentos que fossem de mister. Foi ela quem passou a argumentar, a explicar, a perguntar, ficando o mentor apenas ao dispor de algumas oportunidades de ingerência dialógica, ora assentindo, ora não, o mais das vezes fazendo um gesto inteligente, assim como se dá nas conversações em grupo, em que não é possível que falem todos. O mais interessante foi um convite de minha mãe, para que fôssemos orar em *um templo do local*, daquele que eu então desconhecia, e que agora sei ser o *plano-moradia de minha mãe*.

Frente ao belo templo, também encimado por uma cruz, que era atravessada em diagonal por um peixe, disse-me ela com aquele sotaque português dos seus dias na carne, e com a mais carinhosa inflexão de voz que lhe era possível, também, durante a romagem pelas estradas do mundo, onde as formas são mais grosseiras:

— Ambrósio, para se adorar a Deus não se precisa de coisas exteriores, bem como *dispensáveis são os templos materiais*. Nenhum ser poderia adorar melhor ao seu Emanador do que *sabendo* bastante, e muito mais *amando*, no convívio universal. Todavia, uma casa preposta a esse fim, é um lugar onde os homens podem *reunir-se, com ordem e método*, para efeito do culto santo. De nada valerá o cerimonial de adoração se no íntimo dos fieis não houver amor ao próximo e sentimentos benevolentes. Este templo não comporta imagem alguma, havendo apenas um crucifixo pregado na parte posterior do mesmo. Isto porque é um lugar de concentração mental e elevação interna, como todos os templos desta região. Sendo interno, o culto não comporta o sacerdócio profissional, que aqui não existe. Aqui se fala, se prega, se debate, tudo em ordem e para fim edificante. Duas legendas ornaram os lados da igreja. Uma diz: DEUS É TAMBÉM ÍNTIMO AO TEU PRÓXIMO. E a outra diz: AMAR PRATICAMENTE É A LEI DO CRISTÃO. Estas duas divisas completam-se, oferecendo oportunidade para todos os mais belos e edificantes pensares, conferindo bases de facto para as *compenetrações* que levam aos grandes empreendimentos espirituais. A consciência da **unidade divina** entre os seres há de ser a força propulsora de todos os atos de fraternidade, como sejam a tolerância, o perdão, a resignação e o espírito de renúncia e abnegação. Isso é o que se procura inculcar nas mentes, em nossos cultos e palestras.

E pude considerar:

— Nem é preciso mais que educar, para que o homem se porte como deve. Em tudo que presenciei, até hoje, por estes lados da vida, como programa instrutivo, a *educação ocupa lugar primordial*, sendo mesmo a pedra angular do sistema.

— Na Terra — observou-me ela — os homens também pensam assim; mas pensam sectariamente... Seus pontos de vista tendem para o exclusivismo. Educação, para eles, só o é o que cheira a rotinismo carcomido, a partidarismo, a teoria engarrafada...

— Assim é... — foi o que me ocorreu dizer, rememorando certas coisas.

— *Aqui* — prosseguiu — não é assim; a palavra é dada a toda e qualquer ideia. Adora-se a Deus no todo e na parte. **Estuda-se livremente**. Ninguém tem o direito de pensar que a VERDADE foi feita para ele saber e os demais ignorarem. O método é agir sempre pró bem de todos e estudar livremente. Não se admite pureza doutrinária que não comporte sentido evolutivo.

— E o clero não é, de certa forma, uma instituição necessária? É claro que deve haver um programa... — arrisquei.

— A questão é que *não há clero algum*. Deus, por aqui, não é vendido nem comprado. De pregar o Evangelho há muita gente capaz; e gente que não faz da fé, própria ou alheia, meio de vida. A mesma coisa se dá com a interpretação das Escrituras, que segundo São Pedro não constitui privilégio de ninguém. Os cargos são eletivos e rotativos, para todas as funções, nesta região. Há muita gente capaz para toda e qualquer função. Quem quer exercitar-se em administração, tem ensejo de o fazer, bastando apresentar qualidades e vontade.

Entrementes, dávamos *entrada no grandioso templo*; por dentro, como por fora, a beleza estava na simplicidade. Um profundo silêncio ali dominava, facilitando o ingresso mais perfeito às regiões profundas do eu, onde Deus pode ser adorado como ESPÍRITO E VERDADE que é. O que se sentia ali, verdadeiramente, é que Deus, para ser bem compreendido e adorado, (no que é possível ao ser relativo compreender e adorar o que é infinito), é como VERDADE INTERIOR a tudo e todos. Nunca em minha vida senti, como ali, que para bem amar a Deus não basta seguir à risca o ritual de preces e cerimónias. Antes de tudo, é preciso usar ao *máximo a inteligência* e a consciência, a razão e o *sentimento*. Para *sentir* é preciso também *compreender*, e vice-versa. Só assim poderemos amar ao próximo como a nós mesmos. E concluí que a humanidade terrícola está muito longe de poder amar verdadeiramente a Deus. De rótulos estão cheias as religiões terrenas, pois todas ensinam a procurar Deus *longe da Terra*, e mais distante ainda dos corações. De outro modo, como poderiam supor, e cem por cento aceitar, haver irmãos predestinados à perdição?!

Uma vez dentro do templo, de pé, pôs-se minha mãe a ensimesmar-se. Depois, vagarosamente, dirigiu-se para um banco, onde se sentou. Eu a segui, compenetrado. Uma estranha sensação de bem-estar começou a invadir-me. A própria respiração tornara-se uma função agradável! Em pouco tempo, não sei de onde, sublimes harmonias se fizeram ouvir, penetrando-me a alma, no que de mais puro pudesse eu ser atingido. Eu conhecia de nome o estado chamado *êxtase*, mas nunca o sentira. Agora, começava a compreendê-lo. Não há alegria no mundo que se compare à felicidade desse estado! Repleto dessa euforia, comecei a divisar celestiais criaturas em torno de nós. As suas irradiações iluminavam o templo! De repente, um ponto mais brilhante formou-se no meio da seráfica multidão e eu *vi surgir o Mestre*, tal e qual como o havia visto na visão retrospectiva que já descrevi. O seu olhar exprimia uma paz imperturbável, infinita! Os pés descalços, os cabelos repartidos, do mesmo modo que a barba, o semblante infinitamente doce e inteligente. Era a expressão pura da simplicidade gloriosa!

Com naturalidade, foi-se avizinando, deslizando. Sua presença impunha ao mesmo tempo respeito e amor, no mais alto grau. Lágrimas de comoção brotaram-me dos olhos. Sem sentir, ia dobrando os joelhos. Ele, porém, fez-me levantar, acenando com a mão direita, num gesto suave. Depois, bem pertinho já, falou com simplicidade, como de amigo para amigo:

— Onde estiver a VERDADE, aí estarão a *mansidão*, a *tolerância* e o *perdão*. É do que precisará o homem para ser feliz. Ao que se armar de *Verdade*, jamais ocorrerá apelar para as ações indignas, para a vontade de vencer a qualquer custo. *A VERDADE é Deus*.

Num instante, revivi todas as mazelas da minha última vida, parecendo-me haver atravessado vidas e vidas para lembrar erros praticados. Tive vontade de sumir de mim mesmo. Tive desejos de ser nada. Minha mãe levantou-me o semblante, dizendo coisas agradáveis. Olhei e vi que Ele havia desaparecido, mas a multidão celestial ali permanecia. Aqueles seres angélicos entoavam agora um hino de beleza arrebatadora, que lembrava aquela sentença evangélica que diz haver mais gozo nas alturas pelo arrependimento de um pecador do que com a perseverança de noventa e nove justos.

Eu estava de pé; minha alma ainda estava de joelhos!

Quando tudo havia desaparecido, fomos saindo, eu e minha mãe. Ela me trouxe à beira do leito, e foi então que dei acordo de mim, depois de mais de 20 horas de *profundo sono*, disseram os guardas da casa.

Quando contei a António o meu *sonho*, ele imediatamente me disse:

— *Que vontade de ir à carne, resgatar o que me falta!*...

MARTA ME VISITOU

Sucumbir na carne e chafurdar nos pantanais, é coisa da vida. Também o é *emergir* dos lodaçais fétidos e tenebrosos. O que a mente mais imaginosa não seria capaz de criar, nestes lados da vida é coisa comezinha.

Fui visitado, no dia seguinte, por Marta, aquela mensageira já citada. Transmitiu-me ordens do instrutor chefe, no sentido de ficar ao dispor de um dos trabalhadores do grupo de Jasmim. E assim fiz. Fiquei à disposição de Manoel, aquele devotado amigo do bem, por muito tempo, por muitos anos. António também permaneceu por prazo assaz longo na mesma *residência*. Tornara-se bom conhecedor dos préstimos socorristas. Um dia, porém, fomos convidados a *visitar a Terra*, mas em lugar muito diferente, em país estranho, seio de um povo cuja linguagem não entendíamos.

— No meio desta família *reencarnarás*, dos seus bens há de tirar proveitos para o resgate final. São baluartes do Consolador, em função progressiva. Precisas disso, António, em virtude de teres tomado parte no martírio do seu Inclito Propugnador. Grandes coisas poderás conseguir, pois faculdades ser-te-ão concedidas para, em sofrendo pelos irmãos, iluminar-te na Luz do Senhor.

Depois da palavra breve e concisa do amigo espiritual, António sorriu o seu mais feliz sorriso, de quantos cultivara no mundo espiritual. Sua alma pedia mais uma oportunidade! Sua inteligência confiava no plano superior! Sua espiritualidade vislumbrava o Cristo a aguardá-lo de braços abertos!

Depois de mais algumas palavras elucidativas, disse-lhe o mentor:

— Aí também estão outros tantos *adversários do Cristo*, naquele tempo. Porque dentre os trabalhadores do Consolador, *uns são os mesmos* colaboradores de então, sendo *outros dos grandes adversários*, compenetrados hoje da sublimidade do ideal cristão, e em serviços reparadores. Não há favor nem despotismo em Deus; o que há é justiça e oportunidade para todos que se fizerem disso merecedores.

E volvendo à nossa *região-moradia*, foi António entregue ao círculo de atividades *preparatórias do reencarne*. Volveria à carne, mais uma vez, em serviços de auto-redenção. Julgue quem quiser, se fazer o mal é ou não é perder tempo, por desvirtuar o sentido progressivo da própria existência.

EM CONTATO COM A FAMÍLIA

Muitos meses se passaram, muitos trabalhos foram realizados, grandes experiências nos foi possível acumular antes que nos fosse dito qualquer coisa no sentido de comunicação com a família. De nossa parte mantínhamos o colóquio perene; mas o contato era unilateral. Durante as *dormidas do corpo*, mantínhamos relações de entendimento. Mas a falta de compreensão e insuficiência psíquica, o descuro prolongado dos sagrados dons latentes, tornava-os *refratários* às melhores possibilidades de memória. E não buscavam as sessões para *fim educativo*; queriam apenas *sorte e paz*. Todavia, assistiam a quase todas as sessões realizadas na casa de Jasmim. E o efeito era benéfico; cessaram os desassossegos, a moral levantava-se, as coisas do céu começavam a ser discutidas e iam substituindo as preocupações exclusivamente materiais. Aos poucos, o *egoísmo* ia cedendo lugar à *caridade*, despertava a consciência, nascia o HOMEM ESPIRITUAL, rompendo a dura casca do animalismo, dantes tão rija!

Foi então que Manoel nos dissera:

— Hoje, Ambrósio, falará aos seus por intermédio de Jasmim. Dirá aquilo que bem entender, de par com o seu próprio modo de sentir. Afinal, para se falar de certas coisas, são-nos impostas restrições; mas, no seu caso, nada nos foi recomendado; não há nada em suspenso ou carente de licença. Saúde-os, estimulando-os ao bem. Observe-os, mas como a irmãos. Provoque a autoconfiança, mas considerando os percalços da vida e as necessidades de sacrifício próprio. A visão do plano superior não deve tolher as funções normais da vida, bem como estas nunca se devem levantar contra o *sentido progressivo*, que é a *finalidade da existência*. Entre meios e fins, o homem sensato faz balanço sério, convindo em que *tudo que prejudica os fins deve ser posto de lado*. Lembre sempre e passe adiante, o sentido daquelas palavras do Mestre: "Buscai primeiramente o reino de Deus e a sua justiça e todas as demais coisas vos serão dadas de acréscimo." Como o reino de Deus é de ordem interna e só por progressos morais e intelectuais poderá ser alcançado, em desdobramentos, em patenteações, fale-lhes de modo a que possam ir deixando de parte os cultos formais do mundo religioso. Bem vê que em nossos planos, tudo é questão de extrair, elaborar e repartir, seja espiritual ou materialmente, moral ou mentalmente, os recursos inerentes à criação, em suas várias densidades. Incuta, pois, em suas mentes, que estando o grande tesouro *dentro de cada um*, aí mesmo deve ser buscado, elaborado, cultivado e, em seguida, feito o sagrado serviço de emprego coletivo, pois todo aquele que tem, para servir é Deus. **Deus serve a uns por intermédio de outros.** Buscar na fonte os valores totais e distribuí-los, eis a Lei de Deus. Diga, enfim, que é preciso erigir na consciência humana, templo para o culto da vera Religião!

Ouvido religiosamente, deixou-me a sós o companheiro de tão belas jornadas de reconquista e recuperação, em variados sentidos. Saiu rumo aos seus quefazeres.

Deixei-me ficar entregue aos devaneios naturais, a esses reminiscentes que nos abordam o pensamento, nos invadem o domínio da alma toda, nas vésperas de desfechos afetivos. Quando a noite estendeu o seu manto de silenciosas sombras, envolvendo a paisagem em seus refolhos sonhadores, fiz o caminho que medeia entre a morada de hoje e aquela de então. Cheguei precisamente quando Jasmim atendia a alguém, uma senhora, carente de *aplicação de mãos* e água fluída. Não sei porquê, mas sinto um ato desses como coisa mais séria que doutrinar um irmão.

Manoel, de pronto, atendeu ao *apelo mental da médium*. Apresentou-se sorridente e, com o seu costumeiro senso prático, visualizou figura triste de mulher desencarnada, pesando dolorosamente sobre a encarnada. Era um espírito sofredor, uma mulher de coração inflamado, a blasfemar, a derramar em tom impaciente e sem rodeios, toda a angústia de que era geradora *sobre a encarnada*, prejudicando-a, provocando-lhe estado bem acabrunhador. O coração entumecido da morta *pesava sobre o da viva* por meio de filamentos densos, tão densos que à primeira vista se diria poderem ser vistos por qualquer encarnado.

Quando Jasmim colocou sua mão espalmada sobre a garrafa contendo água, orando em seguida ao seu guia, Manoel, este já havia convocado aos serviços próprios, funcionários em departamento competente. Vieram dois amigos nossos, como viriam dois médicos do mundo carnal, de malinha cheia em recursos. Estudaram a queixosa mulher, convindo em

que sua doença era derivada da influência estranha, apenas. E derramaram na garrafa do conteúdo de três frascos. Eram extratos da flora astral, química a que chamaram transcendente. Apenas matéria em grau quintessencial, nada mais, *aplicada por parte de mortos aos vivos*. A ressonância, para efeito de reação eficaz, está nas gamas fluídas da própria composição física do ser encarnado. Do espírito à matéria mais densa, todos os graus dos gases, dos vapores, dos líquidos, são dotados de poder de absorção. E o resultado apresenta-se no organismo, independente do conhecimento de quem é campo para tais elaborações. Um pensamento são, de paz e saúde, faz que funcionem bem as glândulas de secreção com que se relaciona, principalmente o fígado e o pâncreas, grandes responsáveis por muito daquilo que de melhor ou pior se passa no corpo humano.

Durante a preparação da água, Manoel falou *aos ouvidos espirituais da médium* mais ou menos nos seguintes termos:

— Essa irmã errou muito, tendo feito sofrer sua mãe. Ambas se entrecomprometeram perante as leis de equilíbrio interno, onde repercute a lei de Equilíbrio Universal, a chamada lei de Deus. Conturbadas as mentes, conturbado fica o metabolismo em suas gamas mais íntimas. Com a continuação então surgem as erupções, vêm à tona os desequilíbrios mais dolorosos. Cumpre agora, para que sare a encarnada, *processar a cura da morta*. Com orações, passes, água fluída, desejos de paz e saúde, tudo se tornará fácil. Dê-lhe um boletim sobre a água fluída, para que siga à risca as recomendações. Dentro de alguns dias faremos comunicações com a sofredora desencarnada, para efeito de esclarecimento. Depois, conforme venham a se pôr as coisas, faremos aquilo que venha a merecer a encarnada.

Os dois serviçais do posto de fluidificação da água pediram a Manoel que captasse fluídos luminosos da médium, aplicando-os à água. E Manoel fez um serviço de mestre, absorvendo e logo projetando sobre o líquido as emanações ódicas de Jasmim, que formavam em torno dela uma roupagem de luz azulada. A médium suspirou profundamente, parece que sentindo a perda fluídica. E a água passou a brilhar com belíssimo colorido azul.

Em seguida, foram-se os dois e ficámos a sós. Jasmim deu um boletim à irmã doente, onde estava impresso o que devia fazer e recomendou que cumprisse o que aí se achava ensinado. Se não souber ler, disse, coloque o boletim debaixo da garrafa, durante a noite. Hoje conheço **a força do pensamento** e sei como faz bem pensar em coisas boas e manter preocupações elevadas, de *paz e amor*. *Amar os maus* é uma necessidade tão grande como abominar o mal. Nunca poderemos ser felizes enquanto conservarmos dentro de nós *uma parcela do mal*, seja sob qual forma se apresentar: *rancor, egoísmo, ressentimento, inveja, preguiça*, etc. É preciso amar, **amar constantemente**. A princípio isto não é fácil mas, pela oração, chegaremos a descobrir motivos para amar o próximo. Começa-se orando por aqueles a quem amamos de verdade, passando depois àqueles que nos fizeram mal, perdoados e desejando-lhes felicidades. Este ato de caridade *projeta uma antena luminosa* às mais altas esferas, por onde descem fluídos sublimes. Além disso, a boa disposição atrai os agentes do bem e da paz que, aos milhares, cruzam o espaço para auxiliar os que se esforçam pelo bem.

A mulher também se foi, carregando o seu fardo, o seu lastro de angústia, mas já vencendo um bom pouco da *pressão* que sofria de sua *mãe desencarnada*, em virtude de faltas cometidas. O primeiro passo estava dado. Só restava prosseguir para a melhoria de ambas. Quantos casos iguais existem no mundo? A quantos sofredores do mundo, por isto ou por aquilo, se poderia recomendar o mesmo programa de recuperação em todos os sentidos ou em alguns?

A este respeito recomendo a transcrição do boletim. Eis uma ótima atitude. De minha parte, pouco depois, chegou a hora de falar aos meus. Falei de irmão para irmãos. Concitei ao bem, aos sagrados desideratos, de acordo com as minhas novas concepções da Verdade. Porque não é demais, talvez, dizer que *parentes consanguíneos é toda a humanidade*. Quando compreendermos isso teremos dado um grande passo à frente. Mas é preciso compreender, sentir e viver essa verdade. Sem vibrações de amor e bondade não há felicidade, há prazer, o qual é como a fruta da limeira que na hora é doce mas depois amarga. Amando os estranhos descobriremos novos encantos nos amigos e familiares. Repetimos hoje aquilo que Jesus disse muitas vezes e que não aparece nos livros: **"Todos os homens são iguais em face das leis que regem o universo; cada um, porém, colherá segundo suas próprias obras."**

Por ora, é só o que tinha a dizer. Espero ainda, em futuros relatos, poder abordar alguns interessantes episódios vividos nestas paragens e que possam ter utilidade para os demais.

A NARRAÇÃO

DE LICÍNIO

DÉDALOS HISTÓRICOS

Nenhum homem, por não saber no presente nem quando venha a possuir conhecimento exato, poderá fazer afirmativa qualquer com relação às leis a que se acha jungido. É o ser um centro convergente e divergente, um mundo espiritualmente capaz de captar e transmitir, nem ele sabe o quê, de forças e poderes. Está, por natureza, devido a valores ingénitos, capacitado a manter relações com o todo interior, com o infinito exterior, e por isso mesmo, predisposto ao íntimo arrolamento dos feitos. Não sabe e não pode ainda, com certeza, equilibrar-se de maneira elegante na justaposta realidade integral, relativamente à *origem* e ao *fim*; mas, é um centro do infinito e possui em si as leis de relação, que lhe facilitam agir, reagir, captar, elaborar, transmitir, autogravar, etc.

Onde está postado o homem? Falhas são as concepções humanas sobre espaço e tempo, isto é, pouco pode o homem quando quer saber de si, *de si alheando-se*. O ideal é, portanto, *partir de dentro para fora*, começar da célula-mater. É difícil? Não, pois as leis de reação nos levam às melhores concepções. Diz o latim que *quem pensa é*. De facto, ser, pensar, sentir, agir, reagir, captar, elaborar, transmitir, etc., são leis poderosas demais para serem negadas ou renegadas por simples, possíveis e deselegantes meneios negativistas. A sofística da negação é frágil por demais ante a catadupa de maravilhas realísticas! Para *pensar-se é preciso ser-se*, e quem é, certamente, parte e relação do infinito e para o infinito, muito é! Bem se faz, pois, em estudar-se o homem. Aquele que *de si parte* em autodesbravamentos, grandes conquistas labora na vastidão do universo!

Como partícula infinitesimal, mas inteligentizada e consciente de um bom passado histórico-evolutivo, passei a ser abalado por fortes repuxos intelecto-morais, acontecimento que muito me fez meditar, forçando-me, por fim, à consulta de mentores mais esclarecidos, meus técnicos e outros tantos especialistas no assunto. Assim como os ventos assolam os campos, os bosques, as cidades e as nuvens, ora devastando, ora renovando, ou de

qualquer modo forçando renovos, assim foi, deu-se comigo, tangendo-me a um acabrunhamento, a algumas *introspecções*. Era como se forças tremendas do Cosmo, poderosamente íntimas, me tivessem apanhado por capricho de seus irrecorríveis segredos. Vi-me, cidadão pacato de uma *cidade astral*, incrustada esta, por sua vez, no mecanismo infinito do Cosmo, presa de crueis cataclismos internos! Como podia ser? Por que isso, sem prévio aviso de autoridades superiores? Afinal, como para tudo há explicação, apressei-me à inquirição necessária. Busquei chefes e, por estes, com muito carinho, fui mandado aos técnicos do assunto.

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

Sacudido por esquisito vendaval interno, fiz todo o trajeto entre uns e outros, até chegar ao local e pessoa indicada a fazer o possível, e que no caso era o suficiente. Teóclito foi o homem do momento, o técnico, o instrumento por onde Deus me facilitou entrar num saber que, por sua vez, valeu como medida de salvação. Quando digo técnico, não quero entendam a quem tenha feito um curso de competência, mas de ordem formal, como se dá no mundo das configurações; é para o lado fundamental que desejo pensem; esta técnica seria impossível pelo processo de absorção formal de um conhecimento. Para o exercício em causa, seriam precisos os valores dimensionais superiores, a *capacidade de penetração*, o avanço rumo a outras medidas de extensão de leis. E Teóclito arguiu-me bondosamente, havendo-lhe eu feito a seguinte explicação, que me pareceu acertada:

— De dias a esta parte, caro senhor, sem perceber nada no meu mundo exterior e nada fazer para a modificação no interior, sinto-me presa e vítima de uns arrebatamentos insuportáveis! Estivesse lá pelas raias da vida mais animal, por superstição ou qualquer coisa, diria estar sendo rondado pela morte, ou visitado por presságio menos feliz. É como se tivesse dentro de mim um vulcão tétrico, um formidando revolver de angustiosos e inexplicáveis acontecimentos. Sinto vontade de correr, de afrontar e buscar tudo, contanto que venha a ter uma explicação do que acontece, do porquê que o motiva. E é por isso que venho de percorrer uma senda que me trouxe a incomodá-lo.

E o bom Teóclito, sorrindo, teceu estas considerações:

— Bem sabe que nunca nos julgamos incomodados ao ter que servir. É lei, ou de lei, que as partes entre si tenham de auxiliar-se, para que a Vontade Suprema seja servida. *Quem não auxilia ao menor*, ou àquele que assim julgue, não serve ao Máximo Espírito, à Essência Total, base de tudo, que é Deus. No seu caso, também e por acréscimo, conto com o pedido de muitos amigos, de muitos irmãos junto a quem tenha elevados débitos a saldar, compromissos d'alma. Farei o pouco que me pede e com o desvelo que me seja possível.

Apanhou-me pelo braço e conduziu-me a um belo salão, de cuja janela se divisava uma paisagem lindíssima. Fechou as janelas, fazendo questão de escurecer o mais possível o

ambiente. Depois, falou-me sobre o mundo das *forças sutis que nos regem*. Disse-me que todos estamos a caminho de leis sublimes, marchando lenta e seguramente, as quais estão em nós e as ignoramos. Que nem por isso deixamos de ser por elas tangidos, quer para efeito de relações em geral, quer para efeito de *influenciar e ser influenciado*. Falou do espírito superiorizado, como sendo aquele já de posse do conhecimento dessas leis e capaz, ainda, de manejá-las à vontade. Disse de mil coisas do mundo sublime que antevemos intimamente, que está em nós por natureza, por sermos emanação divina. Depois, com palavras simples, convidou-me a pensar firmemente nos acontecimentos que vinha de me julgar vítima, esclarecendo que, pelas *ondas mentais* por mim emitidas, iria ter conhecimento com a causa.

Pus-me, mentalmente, a serviço do amigo. Nesse momento, como em fenómeno de bi-locação, via dois homens, um ao lado do outro, sendo um desencarnado e outro encarnado, estando o desencarnado a transmitir seu pensamento ao outro, o qual, por estranho mecanismo, o passava ao papel. Notei estarem os dois plenamente conscientes e rodeados de outros agentes do mundo astral; estes mui seriamente encaravam o serviço em curso. Tomei a postura severa de todos, tendo ficado por longo tempo sob o domínio daquele absorvente acontecimento. Logo após, ouvi alguém chamar-me pelo nome:

— Licínio! Licínio!...

Ao dar por mim de novo, era Teóclito quem me chamava insistentemente. Fiquei, por momentos, como aturdido. Em seguida, uma grande tristeza invadiu-me a alma; era tão bom tomar parte naquele conclave, onde um homem morto falava aos vivos por meio de um cérebro para tanto disposto! Acima de tudo, a santidade do acontecimento; e esta fora revelada pelos elementos componentes da reunião.

— Era isso! — disse Teóclito muito satisfeito.

— Mas isso o quê? — perguntei, pois de nada me inteirava em vendo aquilo ou tomando parte, mesmo por pouco, em tão augusta assembleia.

E Teóclito esclareceu:

— Aquele homem, deste plano, que falava pelo encarnado em linguagem escrita, está relatando um feito que em muito lhe toca também. É uma narrativa biográfica e histórica — uma confissão. Como em tudo aquilo você tem parte e responsabilidade, eis que poderosos contingentes de forças sutis punham-no em contato com o feito, embora inconscientemente. Agora, sabedor do que está ocorrendo, procure enviar apoio ao homem relator, quer para auxiliá-lo, quer para colocar-se em terreno positivo, isto é, dominando leis, para o serviço ser feito, também, com o seu concurso. Isto trar-lhe-á vantagens várias, vindo, ao que fiquei sabendo, a relatar a parte que lhe cabe como partícipe que foi do grande acontecimento.

Eu estava maravilhado! Iria ter que falar? Na Terra? Cercado de tanta gente nobre destes planos da vida? Mas — que iria falar?... Inquiri a Teóclito; ele me olhava de alto a

baixo como quem descobre novidade num alguém sem outra significação que não seja ser vivente e desejoso de progressos. Depois de breve pausa, respondeu:

— Hoje aconteceu, sem dúvida, algo interessante para mim e para você que é um daqueles que *tomaram parte na crucificação do Divino Mestre*, de modo mais ou menos saliente e significativo. Isso vai nos dar grandes oportunidades para belos estudos e felizes empreendimentos. Teremos muito a rever com o nosso trabalho.

Essas informações bastaram para me pôr a alma em angústia. Eu, o matador do Cristo?... Como poderia viver, até àquele instante, na santa paz de Deus? É bem verdade que em matéria de encarnações passadas, de personalidades vividas, não recordava tal tempo. Quando muito, conhecia apenas uma vida em que havia sido surdo-mudo; além dessa etapa, tudo ignorância! Tudo mutismo! Tudo treva!

— Não deve se deixar sobressaltar por isso. Afinal, como viu, o homem que tangia ao encarnado também é um dos culpados. Ninguém tem o direito de pensar temerariamente com relação a um erro qualquer, cometido pelo seu irmão de origem e jornada. Lastimar o erro e *procurar saná-lo*, eis o dever de todos. Tudo o mais provém da inferioridade. Quem se coloca na condição de juiz e situa-se como arguidor enérgico, pode bem estar a preparar-se para maus bocados; ao que lhe convindo, amigo Licínio, é estudar a questão a fim do seu testemunho constituir boa instrução aos irmãos de aquém e além carne. O dever é sempre no sentido de mais para o alto e mais para a frente.

Como ele fosse abrindo as janelas e saindo em seguida, acompanhei-o. Descemos para os jardins da residência, havendo-nos sentado debaixo de frondosa árvore. Em frente estava localizado um grande lago. Os peixes saltavam, espadanavam, pondo à vista suas colorações nos saltos dados. Tudo ali era e é belo, sem ser um plano muito superior. Respira-se paz por tais paragens e já é o bastante.

Quando me despedi de Teóclito, estava comprometido. Ele, por sua vez, falaria aos chefes para conseguir-me mais tempo, a ser aproveitado nos serviços de que vinha de se tornar sabedor. Deixei-o nos jardins e fui para minha casa, situada bem mais no centro da grande cidade.

Ao chegar ao lar, fui para o quarto sem pronunciar qualquer palavra a quem quer que seja. Queria orar, pôr-me em contato com Deus, bem lá nas profundezas de mim mesmo, depois de mergulhar o mais possível nos domínios de minha consciência. A seguir, dormi umas horas. Quando acordei e fui para a sala, minha irmã Darci contou-me o que eu havia falado durante o sono. Embora possa parecer aos encarnados *um pouco estranho* nós possuímos um *corpo* para tais fenômenos, essa é a verdade: temo-lo. **Esta vida é prolongamento dessa**, em tons os mais variantes, isto é, variando as intensidades fenoménicas ao infinito. Aqui há de tudo e mais aquilo que aí não se pensa ainda! Quem quiser certificar-se, espere um pouco. Mas, muita prudência! Para que lhe não toque, por seu turno, ficar a par somente dos planos abismais, onde a Terra pareceria, em confronto, lindíssimo paraíso!

DE NOVO COM TEÓCLITO

Qualquer coisa de superior devia estar se passando, julgava eu, então, para explicar a facilidade com que me colocavam ante acontecimentos interessantes. Fiquei ao dispor de Teóclito desde o dia seguinte àquele em que, pela vez primeira, estivera em sua residência. Passei a tomar parte em reuniões, cujos membros falavam de *serviços junto aos encarnados*, acentuando no falar, no sentir, e fazendo respeitar, ser o mister uma como missão de bem alto determinada. A prosa era boa, os novos amigos muito atenciosos, a causa elevadamente santa! Tudo era matizado com pureza, tudo era respeitável! Falavam de coisas desconhecidas para mim, pondo em evidência sempre, a significação do próprio Evangelho!

Fazendo amizade, fui penetrando nas questões. Eram trabalhadores do Consolador restaurado, daquela igreja do Cristo de facto consolidada sobre a Revelação, no dia de Pentecoste, com o chamado batismo de Espírito Santo. Ganhei um livrinho intitulado: "O ALICERCE DO CRISTIANISMO" e nele aprendi tudo quanto de melhor poderia saber quem bem lesse e melhor entendesse, no mundo, todos os textos sobre o derrame do Espírito, tal como vêm de ser expostos, a começar do Velho Testamento. Estão expostos os textos descritivos de um derrame de dons sobre a carne, e o autor explica o *espírito do texto*, separando o despertar dos dons e, por estes, a possibilidade de relações interplanos. Não confunde entre os dons e os espíritos comunicantes, como é comum entender-se pela leitura de textos, visto cada autor sacro ter entendido e contado à sua maneira. Pelos textos explicados, Jesus veio a ser o derramador do Espírito, o Homem-Símbolo que abriria à humanidade uma *nova era*, onde a Revelação, tornada de conhecimento público, faria um serviço de *informante progressiva*.

Fiquei ciente da missão do Precursor, que era anunciar a chegada do batizador em Espírito, daquele derramador de dons e revelações, tão aguardado. Soube ter tudo *seguido uma trilha* pura e francamente integrada nas disposições do Supremo Senhor. O Cristo sucedeu ao Precursor *na hora exata*, começando a evidenciar os poderes dos dons despertados. A sequência de feitos, diz o livrinho, é atestado da prova que o Mestre oferecia, dos valores efetivamente representativos dos dotes internos. Tudo queria dizer: DESPERTAI-VOS!

Depois do Cristo ter feito uso dos dons despertados, reclamando para eles toda a atenção — pois sem esse despertar ninguém se tornará superior — fez notório o facto de haver, para depois da crucificação, um acontecimento que seria o qualificado de batismo. Os Apóstolos aguardavam o batismo! Esperavam um acontecimento, para eles de Revelação superior, testemunhante da *volta do Cristo em Espírito* — aquele que era, de há muito (desde os Profetas) aguardado como o fenómeno testemunhador do próprio Cristo.

O livrinho especificava bem ser, desse dia em diante, vigente a igreja do Cristo, *sem donos e sem formalismos*, mas à base pura de AMOR e REVELAÇÃO. Desse acontecimento em diante, é que os Apóstolos saíram apregoando, ter-se de facto dado o batismo de Espírito, o testemunho de Jesus ter sido o Cristo. E como os textos estão todos na Bíblia dos homens, quem quiser estudar é só lê-la na parte referente ao batismo de Espírito, a contar da promessa, isto é, do que se lê no Velho Testamento.

Informa o livrinho que predicara muito o Mestre em torno da *corrupção* que os homens lavrariam na igreja; que um dia haveria *restauração*, citando mesmo o nome do agente por meio de quem esta se daria. Faz citações em torno das questões corrompistas, colocando *Roma* como centro corruptor, por banir a *Revelação*, o culto puro e simples, e estabelecer em nome do Deus Único e do Cristo, aquela onda de formalismos vendáveis, aquela avalanche de fraudes, idolatrias e burlas, que de então passaram a medrar pelo mundo como se fosse *Cristianismo*! Após tantas informações a respeito do tempo de duração da corrupção, entra a falar na restauração, tecendo considerações sobre o Espiritismo, como sendo a igreja do Pentecoste restabelecida.

Com esses princípios, disseram-me, estava capacitado a *saber mais*. Era o que eu desejava, dado não me sair da mente a oportunidade de comunicar-me com os irmãos da carne.

DIAS DE RECONHECIMENTO

O dever do homem, encarnado ou desencarnado, é *subir sempre* na escala dos conhecimentos e da purificação, para poder dar, praticamente, testemunho de ser cooperador feliz no movimento de progresso das almas irmãs. Quantos são os modos e meios de progredir? Por quantas gamas se filtra o saber integral? Ninguém precisa assustar-se com a vastidão do programa, porque **a vida é programa infinito** e ninguém é aluno, obrigado a aprender de hoje para amanhã, a lição que lhe seja dado estudar. Basta não se percam oportunidades sadias, para estar-se quites com a lei de progresso contínuo. O fulcro da questão é MORAL; aliada ao SABER, eis que surge o indivíduo-autoridade, eis que desponta à claridade do sol da existência, a divindade característica da lei de origem! O que é, por natureza, evidenciou-se; o que estava a cargo do sagrado direito de auto-organização, por *labor interno*, pela proficiência do ser, patenteou-se. Procrastinado foi o homem inferior pela chama interna do homem-Deus! É o Cristo revelado por Jesus, como interior ao homem, que foi pelo homem exposto, para que o gozo de tal glória entrasse para o seu património. Belo, sem dúvida, o catecismo da própria vida! Fundamenta-se na lei de necessidade interna, nunca na sanha dos conchavismos humanos. A *igreja* de Jesus, tal como o catecismo daqui ensina, reclama da parte do proficiente, AMOR, REVELAÇÃO e CIÊNCIA, sem o que não haverá quem possa se dizer autoridade. Se a igreja dos homens professa em contrário, sem dúvida é porque houve *adulteração*. E houve mesmo! O céu, que vem por envolvimento em AMOR, REVELAÇÃO e CIÊNCIA — o céu do Cristo — não pode ser

sectário; mas o céu das religiões, esse nunca deixará de sê-lo. Para o não ser, só mesmo havendo uma filosofia que seja a FILOSOFIA, uma ciência que seja a CIÊNCIA, uma religião que seja o sentimento gerado, a consequência do determinado pela FILOSOFIA e CIÊNCIA, o sentimento de UNIDADE com Deus e de FRATERNIDADE entre as partes manifestas do próprio Deus, que é ao que **se chama Criação**. Religião não é um programa formal. Religião não é amontoado de façanhas convencionais. Religião não é soberba sectária. *Religião não é viver à custa da fé*. Religião não é servir a culto externo algum. Porque Religião é consciência da origem, é respeito pelo plano geral, é devoção às Sagradas Finalidades. Religião sem FILOSOFIA, sem CIÊNCIA e sem ser consequência daqueles dois fatores básicos, não é Religião: é apenas cambalacho de homens, rotulado de Religião, para que estômagos se forrem, bolsos se encham e orgulhos partidários se refestelem. E a prova, têm-la — cabal e inconcussa — na porcentagem elevadíssima de seres que emergem dos vários painéis religiosos do mundo, em demanda aos planos da *inconsciência espiritual*, do limbo e das guelras hiantes da dor!

Eis o que digo, eis a palavra de um experimentado. Fala a minha experiência. Poderia calar-me; de pé ficariam sempre — intocáveis — as dolorosas realidades! Se o pranto se fizesse sentir em sinal de protesto e se os rincões tredos pudessem apresentar-se à vista dos homens encarnados, falar-lhes como advogado, discutir a falsa lógica dos amontoamentos clericais do mundo, por certo que os homens ficariam a ouvi-los, senão por senso da verdade, pelo menos por temor aos horrorosos quadros, às dolorosas evidências!

Qual a razão por que assim afirmo?

Porque um dia, livre das demais obrigações, completamente ao dispor dos amigos notórios em serviços consoladores, comecei a receber instruções e a visitar planos *erráticos inferiores*. De quantas coisas tristes tornei-me conhecedor! Quanto de doloroso medra pelas almas! Como se desviam para monstruosidades tais, espíritos cuja origem já os vota aos gozos indizíveis? E diga quem quiser que as religiões sempre ensinam bem! **Ensinar bem** é acompanhar a necessidade evolutiva dos seres, palmo a palmo, nos seus avanços. *Quem sabota o ensino* do qual se faz carente, por evolução, por avançamento do poder assimilativo, nada mais faz que coagir à rebeldia, ao crime e às *trevas* consequentes. Tal tem sido o procedimento dos homens que muito falam em Deus, mas de um Deus engarrafado, um Deus que cabe em pílulas, um Deus que lhes garante louçã vida animal, económica e exclusivista!

— Agora — falou-me um dia Teóclito, que é um espírito muito mais poderoso do que à primeira vista se poderia supor — você irá conhecer o processo usado por nós, *de ordem superior*, para orientar a tais irmãos. Tendo visto como vivem outros de nossos irmãos, nos mais variantes estados de prostração e dor, facilmente poderá imaginar como teve que viver por muito tempo também. Porque você vem, irá ver, de libertar-se, faz pouco tempo, de jugo doloroso por encarnações penosas e estadias prolongadas em reinos de pranto e ranger de dentes.

— De facto — intervim — pressinto ter cometido qualquer coisa muito grave. O que sentia ao visitar esses planos *abismais*, parecia-me como *reviver* tempos lá vividos,

angústias bem curtidas por esses países. Tinha como que um quadro por mim mesmo pintado, ante minha visão de espírito e gostaria de fazer alguma coisa pelos que por lá, ainda infelizmente, transitam.

Sorriu inteligentemente o bom Teóclito ao ouvir meus protestos humanitários e sensatamente ponderou:

— Complexo é o problema. Se bem marche a humanidade para melhores dias, e as doutrinações se dêem em maior escala, com o conhecimento dos homens de boa vontade, e por suas diretas intervenções, também é certo que em Deus não houve nem jamais haverá licenciosidade. Ninguém pena, amigo, sem ser seu, e *justo, o penar!* Você vem de ser beneficiado, desde algum tempo, com o *esquecimento temporário* de suas ações passadas, em virtude da recuperação elaborada. Agora, porém, que entrará no domínio das recordações, por via de serviços por prestar ao Consolador, *em curso maravilhoso no mundo*, não queira saber mais em matéria de justiça do que o próprio Deus. Viu para saber; conserve a sabedoria para produzir, mas faça-o no âmbito das leis de causa e efeito. Não está sendo chamado a servir de juiz junto a irmãos em purgação e muito menos ainda, da Suprema Justiça. Considere que sendo de ordem interna o céu, que pode ser gozado ao infinito, também o é, o inferno; este, igualmente, conta da parte do espírito as mesmas naturais prerrogativas para recalcar ou exaltar. Peço-lhe, porque de mais alto lhe ordenam, saiba fazer o bem, sem, contudo, indispor-se com a Suprema Justiça. Ao ser obrigado a comparações entre o sofrimento de alguém e o rigor da Lei, saiba que o rigor da Lei é *aplicado pelo espírito*, nunca por Deus! De Deus vem tudo, mas *genericamente*; despertar para o bem ou para o mal e fruí-los, isso pertence ao próprio espírito.

— Mas — obtemperei — e se o espírito não conhecer semelhantes regras fundamentais?

Brando, respondeu Teóclito:

— De um lado, amigo, por natureza ninguém quer sofrer e isso basta para que saiba e sinta não ter que causar sofrimento a quem quer que seja. De outro lado, deve convir terem vindo todos os ensinamentos, desde os Vedamentos, com o sentido de *forçar o conhecimento das origens*, do plano evolutivo e das finalidades por atingir. Os verdadeiros ensinamentos, em que pese terem surgido aos poucos e progressivamente, sempre apareceram pela *Revelação*, pelo intercâmbio entre um plano e outro. Portanto, de que Deus surgiram, no mundo, cleros formais? Com que autorização levantaram-se organizações profissionais de exploradores da fé? Dizem, os simplórios, que em nome da necessidade de cultivar a ideia de Deus. Nada mais ridículo! Pois se o ser é em si de origem divina; se comporta virtudes; se pode entrar em relações com os do outro plano da vida e assim foram vindos todos os ensinamentos, onde a autoridade daqueles que, à custa de implantarem formalismos sabotadores do progresso, *truncam* de facto o modo clássico, puro, leal e insubstituível de *cultivo espiritual*? Por onde, afinal, deve-se conhecer as coisas atinentes ao espírito? Pelos formalismos forjados por homens e sob cuja dependência vivem cardumes de parasitas da sociedade? Não; um conhecimento sugere outro, ao passo que um formalismo só a outro formalismo é capaz de estimular! A lei do espírito é a investigação consciente, contínua e unida de amor. Para

tanto, sempre deveria ter ficado de pé o culto moralizado e puro da Revelação! Eis, amigo Licínio, o que se restaura no mundo. Eis o porquê de tanta repetição em torno da mesma questão. Aos trabalhadores inferiores, a esses, pouco ou nada de compreensível se diz e pede... Há, por conseguinte, necessidade de que outros, mais experimentados, compenetrem-se da *grande reforma que bate às portas da humanidade* da era presente.

Queremos; sabemos o que queremos e por isso mesmo tangemos no sentido de libertação de consciências. É hora de saberem os homens que do céu interno, de Deus, ninguém se aproxima sem ser por aproximar-se de si mesmo. E para tanto realizar, só pelos caminhos também internos da *moralização* e do *saber!* Eis o que terá que dizer no mundo dos encarnados, ao se comunicar pelos canais mediúnicos.

Fez breve pausa, meneou de certo modo a bela cabeça, para acrescentar de modo significativo:

— Não se esqueça de que serviço idêntico está sendo feito por muitos daqueles que truncaram, aparentemente, o andamento do Cristianismo nascente. É da Soberana Vontade que todos tenham oportunidades de dar o seu testemunho, no mesmo campo em que tiveram a infelicidade de falir. Ambrósio, aquele que viu na transmissão de ideias, também *foi um dos que* moveram calcanhares contra a Causa do Mestre. Afianço-lhe que essa regra se irá prolongando, visto os *adversários da restauração*, mais tarde ou mais cedo, uma vez tornados merecedores, terem também que fazer sua parte...

Por mim, estava saturado de ensinamentos. Como vinha de viver, desde criança, pois da última vez desencarnara com apenas três anos, uma vida alheia a tais cogitações, muito me parecia aquilo tudo. Tinha lido, aprendido, ouvido, cultivado e me dado por satisfeito, com o que era em geral ensinado nos nossos santuários, onde *o sentido histórico* nunca tinha chegado a ser levado a sério. O fundamental era tudo e este cingia-se a poucas regras e muitas obras, nenhuma formalidade e respeitos integrais aos reconhecidos valores. Muitas vezes, tinha ouvido a Espíritos superiorizados dizerem:

— Na face obscura do mundo e nas zonas inferiores, prevalecem leis menos intensas. Muitas vezes, dado as **falhas na organização de um caráter**, uma grande sabedoria faz um grande negador de soberanas verdades. Tudo, portanto, por semelhantes plagas da vida e do universo, deve *partir de baixo para cima*, do saber mais tosco rumo aos conhecimentos por vezes apenas empíricos. *Aqui*, depois de tanto marchar o espírito pelas vielas de vidas e experiências outras, *tudo se torna fácil*. É *como ver-se tudo de cima para baixo*, do fundamental para o relativo, do espiritual ao material. Os problemas Deus, Cristo, imortalidade, evolução, reencarnação, comunicação, pluralidade dos mundos habitáveis, etc., com nada se provam, com pouco se sente e muito se vive. Como tudo parte de leis que nos são superiores, cogitar sobre sua justeza seria absurdo; jamais poderíamos assim pensar com respeito aos problemas de ordem moral. Estes tocam-nos diretamente em qualquer tempo e local. Se bem tenhamos mais fortes elementos de cooperação a dispor, já pela evolução feita, já pelo meio ambiente excelsamente favorável, nem por isso deixam de estar, essas responsabilidades, a nos afetar diretamente. E como o mundo material *reclama*, no presente, **a reencarnação de seres superiorizados**, eis que, para vencer em meio tão denso quão inferior, cumpre armar-se de *toda cautela possível*.

Tudo isso, para mim, tinha aparência daquilo que ocorreria com os outros. Não me dei, jamais, depois de ter crescido e ficado adulto por aqui mesmo, ao serviço de pensar que um dia isso me calhasse por turno. Agora, ante as explanações de Teóclito e o cogitar contínuo de tantos vultos, em relação ao caso, sentia-me como avassalado por um novo mundo de coisas por vasculhar. Estava assoberbado de serviço mental!

PRIMEIRA VIAGEM À TERRA

Um dia, quando um pouco daqueles arroubos pungentes me sacudiram ainda o ser, falei a Teóclito, irmão sob cujas ordens fiquei. Sem perder tempo, o bondoso espírito convidou:

— Quer ir até onde está trabalhando aquele nosso irmão?

— Quero! — respondi afoito, como se tivesse sido contemplado com divinal graça.

Quase sem perceber, vi-me ao lado do irmão que transmitia sua palavra por meio de um homem que se achava sentado junto a uma máquina de escrever.

Notei a dificuldade do trabalho, em virtude de o encarnado, como diremos?, viver bem menos depressa que o desencarnado. De paciência, muita paciência, tinha de fazer-se ele cultor, para poder transmitir. Levando em conta o quanto de consciente é o homem, pode-se imaginar o trabalho dificultoso e os aborrecimentos, com a diferença de concepções, o que motivava, muitas vezes, estacar por minutos e horas o prosseguimento do relato.

— *Eis aí* — falou-me Teóclito — *como se faz uma transmissão aos encarnados*, como foi realizada em todos os tempos. Variando, embora, os tons mediúnicos ou mesmo os padrões, a Revelação sempre foi feita na base de intercâmbio dos dois planos. O Senhor que falava no Velho Testamento, os Anjos do Novo e os Espíritos do Novíssimo, com a restauração, tudo significa uma só e mesma coisa, uma lei em curso para um fim emancipador. Dessa lei valeram-se, e valem-se, todos aqueles que viveram e os que se acham presentemente no mundo, *lutando para a melhora do planeta* em geral. O Cristo veio a esta pesada atmosfera, *forrou-se de carne e ossos como os seus irmãos*, tendo feito, à custa de ter os dons desenvolvidos ao máximo, tudo quanto já é do nosso conhecimento. Veja bem, portanto, qual a significação do batismo de Espírito Santo, simbolizando a manifestação dos dons e a comunicação dos espíritos. Esse ato profético-simbólico deu-se no Pentecoste, e *não fosse a corrupção* vinda posteriormente, onde estaria a humanidade postada, pelo menos em conhecimentos, contando com um lastro de quase dois mil anos de Revelação ostensiva e em bases evangélicas?

A assembléia de ponderados vultos que rodeava o espírito relator fez sinal afirmativo com a cabeça. Eu, como de hábito, simples estudante, signifiquei o meu respeito à afirmativa com um silêncio respeitoso.

Avizinhei-me e fui ler no papel; o irmão relatava fases de suas vidas, uma delas tendo sido aquela em que *foi contemporâneo do Mestre* e onde teve a infelicidade de se tornar um dos criminosos da maior tragédia do planeta. Segundo me dissera Teóclito, também tive parte infeliz na dolorosa conjuntura. Hoje, tudo bem revivido, afirmo o acontecimento. Custou-me isso muitas dores e provas! Um dia, liquidadas as faltas, voltei ao mundo e desencarnei como um menino de três anos. *Cresci no mundo astral* e prossegui numa vida exclusivamente espiritual. Já relatei como vim a saber de tudo isso, que é o motivo pelo qual me acho presente, leitor irmão, com um pouco de minha história. E você, irmão em origens e destinos, que terá feito? Que ações vantajosas ou desvantajosas pesarão sobre o seu arcabouço de responsabilidade e direitos históricos? Veja, pois, não julgue! E se tiver de julgar, observe este ensinamento: **"Não julgueis e não sereis julgados; se tiverdes de julgar, porém, fazei-o com piedade, uma vez que difícil vos é conhecer a reta justiça"**.

CONVERSANDO COM AMBRÓSIO

Existem verdades, ou matizes da **VERDADE**, de que nem por exagerado cálculo podemos ainda cogitar. Estão muito acima de nossas possibilidades de análise; mas, vivem em nós e nós vivemos nelas. Que somos, então? Somos herdeiros de celestes dotes, a que devemos dar todo culto assistencial, para podermos despertá-los e gozá-los. Todavia, o que se sente, embora não se entenda ainda, nem por isso deixa de ser sublime em sensações d'alma. Tal se deu comigo, quando pela primeira vez deparei com Ambrósio transmitindo recados deste plano aos ainda imersos nas densidades do mundo físico. Qualquer coisa se me moveu no fundo do ser, provocando incontido desejo de travar relações com ele. Queria saber de onde vinha, o que fazia e por quê; não por mera questão de curiosidade diletante ou comparativa, pelo que dissesse respeito ao mundo psicológico; mas, sim, por um sentimento indefinível de profunda manifestação afetiva e doce arroubo do coração. Emergiam-se d'alma e afloravam nos horizontes da razão, incutindo-me o desejo de procurá-lo, todas essas sensações sublimes. Como não soubesse onde encontrá-lo, mesmo depois do nosso segundo encontro, ao caro amigo recorri, inquirindo:

— Irmão Teóclito, onde poderia encontrar-me com Ambrósio? Um sentimento arrebatador impele-me a procurá-lo; parece-me, não sei bem, termos casos em comum para resolver, algo de imensamente interessante. Contando o irmão com vastíssimo cabedal de influências, pelos seus méritos, desejava me proporcionasse um contato, caso não haja determinação superior contrária.

— Tudo — emendou ele com afirmativo gesto de cabeça — está sendo *guiado de mais alto* e você segue o que lhe é *inspirado*, digo mesmo, quase que inculcado. Gente muito

próxima de você, Licínio, está a lhe indicar o caminho certo e passos felizes. Queira, pois, falar a Ambrósio. É um alguém merecedor, de facto, de nossa estima, pelo que tem feito por recuperar-se. Sabe bem, Licínio, valer a embalagem do passado como força incoercível, difícil de ser vencida. Por essa razão, quem à custa de auto-impor trabalhos cristãos faz por *resgatar* parcela de grandes débitos, muito de respeito merece. Ambrósio é dessa têmpera; faz por vencer-se, por triunfar sobre si, naquilo que em si criou lastro condenável. Veio da carne há pouco tempo; se cometeu alguns delitos, muito mais fez a bem daquela parte do próximo mais carente de amparos e solitudes fraternas.

Como se fazia sublime esse homem, quando falava unguido de amor, de esperança e fé, com relação a um irmão que lutava por soerguer-se! O seu todo, embora o esforço em contrário, refulgia em luzes de cambiantes colorações, que dele pareciam partir, em demanda a outras paragens do infinito! Quem sabe, amigo, *focalizado por ondas mentais tão excelsas*, que manifestações não estaria a sentir Ambrósio, achasse onde se achasse? Já sei que, muitas vezes, quando sentimos a presença de Deus mais intimamente, outra coisa não está ocorrendo a não ser que um Seu filho, mais avançado, com o seu pensar e sentir divinizados, esteja a nos tocar com o cinzel do amor! Felizes daqueles que fazem por merecer amor! Muito mais felizes, porém, são aqueles que já sabem amar muito!

E Teóclito terminou, num adorável convite:

— Sentirei muito prazer em apresentá-lo a Ambrósio. Uma parte me cabe em tudo quanto vocês andaram fazendo... Conheço-os de muitos dias... Acompanho seus passos *há muitos séculos*... Estive ao seu lado nos dias torturantes e nos momentos de alegria e recolhimento... Vi-os, muitas vezes, cair e levantar, levantar e cair, tornar a levantar e prosseguir na jornada... Conteí suas blasfêmias e decorei seus agradecimentos... Quer, pois, ter contato com Ambrósio? Ninguém mais do que eu gozará esse momento de felicidade celestial, ao ver que dois irmãos carnis de outros tempos, novamente se apertam entre os braços, depois de uma *separação de séculos*!... *De quase vinte séculos*!

Nossos olhos estavam marejantes; bem no fundo do meu ser, alçado nas sublimidades de pensamentos tão evocadores, parecia-me ver deslizar personagens pelas estradas poeirentas do mundo, seguindo caminhos variantes, a perder de vista na esteira dos tempos... Pareceu-me um autodespertar, tudo aquilo! Teóclito, imóvel à minha frente, fitava-me com firmeza com seus olhos meigos; suas faces eram banhadas continuamente por cristalinos filetes. Nesse momento uma nuvem doirada apareceu diante de mim, foi tomando forma e uma glória inexprimível fez-se presente!... Nem sei como lhes relatar tão grandioso acontecimento: haverá um modo de exprimi-lo? Não posso assegurar que sim; só sei é que parecia desfazer-me em pranto feliz! O céu interior, mais intenso, afigurava desabrochar em mim, e o infinito, como vindo todo ele em procissão de mundos e belezas, a dar-me parabéns, pela prenda de Deus recebida! Sentia, então, dentro de mim, a *infusão divina*: eu, o espaço e o tempo, identificávamo-nos integralmente!...

Passado o momento emocional, foi o *Mestre* o primeiro a falar; sua voz era como uma melodia vinda dos confins da eternidade e das distâncias siderais; sua personalidade como que se desfazia em luzes e amores indiscerníveis; seu aspecto moral impressionava como

se fora a Lei de Deus personificada!... Tudo nele era superiormente maravilhoso e tive a impressão de elevar-me aos píncaros de celestiais moradas!...

Logo tudo se modificara. *Estava como que na Terra*. Tudo havia se transformado; o cenário era uma realidade já vivida — uma paisagem de mim bem conhecida. Eu tudo sabia, tudo sentia, tudo via, embora não estivesse sonhando e soubesse estar sendo obrigado a tais cometimentos; gozava o prazer espiritual de tamanha realidade a revelar-se. Eu era juiz, expectador e réu, a um só tempo, ante aquele perpassar de panoramas, tempos, personalidades, *factos vividos*! Que maravilhoso modo de rever todo um passado de erros e reconquistas!... Em seguida, de novo volveu o Mestre; mas lá ao longe, incrustado no zimbório celeste, a ombrear-se com os astros da mais bela noite deste mundo e de toda minha história de **habitante do infinito**! Teóclito sorria, não sei se com os lábios ou com o espírito alcandorado. Percebi que olhava para o alto, para as regiões mais extratefeitas, para as zonas interestelares, enfim, para as regiões mais puras, por serem mais afastadas das grosserias da crosta; sua boca balbuciava uma prece que eu não ouvia, e por isso não a compreendia, mas que minha alma experimentava, ufana e rendendo graças. Não sei qual a causa ou influência, mas Teóclito brilhava como se fora um Sol espiritual! Aos poucos, volvendo a si, fez o que era do seu conhecimento e poder, restringindo-se. Quando me igualou, disse com simplicidade:

— Recebemos a visita do mais amigo dos amigos. Há qualquer coisa de significativo em toda a manifestação do Mestre. Pense bem e estude os seus próprios sentimentos, pois não duvido de que algo esteja por acontecer. Deve ser uma oportunidade, seja no sentido que for. *A todos que muito erraram contra Ele*, jamais deixou de manifestar-se em tempo, demonstrando ser perdoador pessoal e Mestre geral. Jesus nos acompanha, sempre e amorosamente; consolados seriam os homens das baixas regiões e da crosta se se lembrassem dessa circunstância! Afastam seus pensares, afastam seus sentires e alegam não serem visitados... Quando lhes falam os espíritos de Deus e lhes brada a consciência, atribuem o facto à mecânica dos fenómenos de ordem psicológica rampeira... Não concebem que em tudo aquilo que tange a razão e o sentimento, esteja *o zelo de um Sentido Superior*, a bênção de uma ocasião de estudo, a oferta orientadora de uma Autoridade Amiga; afinal, Licínio, por todos Jesus espera e poucos esperam a Jesus.

Meditava na frase, quando ele disse, com ares de quem não olvida uma obrigação:

— Vamos até à região onde habita Ambrósio. Tenho pressa em me desfazer de um compromisso.

A companhia de alguém bem superior, em certos casos, significa não precisarmos ter vontade... Todavia, *saltámos para uma cidade e região bem diferentes*, inferiores em tudo um pouco, mas lugar de paz, trabalho e progresso. Nossos corpos — digamos assim — por nossa vontade de identificação, ficaram mais pesados, mais animalizados e menos universais. Admirava como *a densidade do corpo tangia o espírito* a sentir menos, a vibrar frouxamente. Afinal, manifestava-se a lei de relação entre o ser e o meio ambiente. Não é só por encarnar que um espírito se vê constrangido a embotamento, forçado à lei restritora; descer na escala das hierarquias astrais também é submeter-se à mesma lei. Digo mais:

havendo necessidade ou vontade, esta em certos casos, fica-se acima dessa lei. Tudo, portanto, mera questão de poder, querer e precisar. O que para baixo limita faculdades, para cima chega a constranger. Muito para baixo, procurando igualar condições, sente-se amargura por inferioridade, por dor, por perigos e riscos; para cima, então, forçamo-nos por superioridade — torna-se insuportável. A felicidade é sempre composta, constituindo-se no produto de uma aliança de fatores. O céu interior, pelo menos, deve estar em boas condições de sintonia com o céu de fora. Quando um espírito dá preferência a um plano inferior, por *querer auxiliar* a alguém inferior, ou servir de um modo geral, *compensa-se* com a satisfação moral daí decorrente. Há, portanto, sempre uma *recompensa* para aqueles que se fazem merecedores.

Fomos andando pelas ruas da bela cidade, em busca de Ambrósio. Minha alma exultava! Parecia-me andar à cata de séculos de vida e história. Quando chegámos frente a bela moradia, falou Teóclito, acompanhando as palavras com suave gesto de cabeça:

— Aqui está ele escrevendo aquilo que depois transmite. Vamos aborrecê-lo um momento. A seguir, como nos convém e ao serviço, tratemos de deixá-lo em paz. Os trabalhos que está prestando são por demais **superiores em valor coletivo**; merecem todo o nosso respeito.

Fiquei triste, muito triste! Pensava ter o amigo, o irmão de outros dias e o companheiro de tantas ações corretas e outras tantas erradas, por horas a fio ao meu dispor; todavia, como acabara de saber que a filosofia é de uso vantajoso em todos os momentos da vida, pus-me a pensar na justeza do alvitre. Faça o servo aquilo que seja bom ao Senhor, porque em seu benefício redundará.

UMA AGRADÁVEL PERSONALIDADE

Como exerce diferença sobre o ser, ou suas manifestações psicológicas, o **tornar-se consciente** das origens divinas e dos soberanos destinos da vida! É ideia, admitida e tornada padrão ético, sucedem variações preciosas de ordem psíquica. Eis o Ambrósio que vim de encontrar.

— Quando para estas bandas veio — informou-me Teóclito, enquanto dávamos entrada no lar simples e feliz — era ele, ainda, portador daqueles caracteres que definem o homem embutido no que de animal e económico haja ou possa haver em sua conformação de dignidade. Depois, porém, *tomando conhecimento da lei*, a qual independe do raciocínio humano e que é transcendente a todo e qualquer elocubrar relativo, cedeu aos imperativos do **Amor** e da **Razão superiorizada**, lavrando em si significativa metamorfose. Seus próprios traços modificaram-se à pressão de um *ideal de pureza* e necessidade de melhores conhecimentos. É esse o homem, o irmão a quem irá conhecer. Embora tenha sido dele inseparável *em outras vidas*, agora é ou será uma amizade nova. É inferior a você em

conquistas hierárquicas, mas, não se esqueça, igual em natureza e destinos, sendo que o plano de evolução, por isto ou aquilo, pode trair o presumido, fazendo com que as situações se invertam, isto é, elevando-se o de mais baixo e vice-versa. Sei do quanto é capaz em bondade e em valores de facto; falo, porém, apenas para lembrar a nossa falibilidade.

Não poderia eu, jamais, julgar de outra forma as palavras de Teóclito. Eram sempre avisos e lembretes, apenas. E como sabia e sabe ainda, a tudo matizar com seus requintes de irmandade solícita! Seria incapaz de menosprezar ou tecer um conceito menos digno, a quem pensasse ou sentisse revelando-se inferior no cotejo do orçamento hierárquico. Porque, de facto, em Teóclito respeitava-se tudo: simplicidade, ternura, devoção ao dever, amor às melhores sapiências, etc., sobretudo ao dever funcional! Não valia só por si; valia pela razão do que elaborava, daquilo de que era órgão relator, por injunção de abalizardíssimos mentores, de eméritos condutores.

Ao darmos entrada na *moradia simples*, deparámos com simpática figura de mulher. Para ser franco, quem é antipático em lugar atraente? A quem vi, jamais, por estes continentes do bem, da paz, que pudesse dizer ser menos simpático? É o homem mesmo quem tem natureza para influenciar e ser influenciado. Com escola, propósitos e merecimentos, espírito crítico e vontade de trabalhar, quem deixaria de somar seus poderes de manipulação, de *cooperador na obra de harmonização em geral*? Assim, pois, esta mulher era igual, por dentro, ao plano que habitava por fora. Os dois céus, diremos assim, conviviam bem junto desta alma feliz a seu modo e possibilidades.

— Está trabalhando? Disso estou certo — comentou Teóclito, sorridente, depois de apresentar-me.

— Dois irmãos de mais alto o estão auxiliando na preparação do pequenino relato. Creio, porém, não devem demorar. Ambrósio tem trabalho, hoje, na casa de Jasmim, e estamos quase na hora...

Assim dissertava a bondosa irmã, quando foram saindo da sala contígua, três homens. Reconheci a Ambrósio, é claro; notei a elevada catadura dos outros dois, na radiante personalidade. A distinção dos altos seres é poderosa em sua simplicidade transbordante; mas não deixa dúvidas, outrossim, pelo halo de indiscernível ternura que os cerca, característica essa que, quando menos, de muito prestígio dispõe e de muitas glórias imarcescíveis faz eloquência. Altos, muito altos, eram esses irmãos; nos excediam de quase meio metro, sendo todos os demais ali presentes também avantajados em altura; não sei se é do conhecimento dos encarnados, mas *aqui se fica bem mais alto!*... Chegaram-se a nós conversando amavelmente, chamando-nos pelos nomes; já conheciam a Teóclito, não a mim.

Prosseguiram trocando impressões, os dois homens e Teóclito, enquanto Ambrósio me conduzia para outro compartimento, onde nos sentámos comodamente. Ali, uma menina de três anos e um menino um pouco mais crescido, *estudavam*. O álbum era desses que por aqui todos os escolares conhecem, mostrando por gravuras coloridas os diferentes planos do astral, isto é, uma geografia à luz de melhores verdades. Na capa encontra-se a Terra sólida.

Para dentro, vão aparecendo os como anéis paralelos e superpostos, isto a contar do centro da esfera; e descrevendo regiões, comprovam zonas hierárquicas ou a lei dos merecimentos. **A não ser no plano da carne, cada um mora onde deve morar!** Conceber e gozar, isso é lá com as realizações do homem e suas possibilidades sensitivas; relativamente à Justiça, a Deus, à Harmonia, nem há mais claro, nem menos escuro. Tudo é relativo ao merecimento do indivíduo? Então tudo é, por si mesmo, justo. Por justiça vive-se entre deuses e em esplendentes regiões? Então, também por justiça, poder-se-á viver encafuado em tredos lodaçais, em lúgubres países, em sofríveis regiões. Considere, portanto, o homem como quiser, em torno ao limbo ou dos excelsos empíreos; o dispositivo mecânico da Suprema Justiça só se fará conhecer pela própria vida? Não se discute com ela porque ninguém a vê. Falam os santos, anunciam os arautos, proclamam os grandes mensageiros! Mas, se bem possam todos os bons viver a própria Suprema Justiça, em gozo intraduzível, nem por isso se faz ela, que eu o saiba, palpável em sua intimidade, em sua natureza. O bom encontra-a em forma de paz e glória? Pois a ela mesma topará o ímpio, sob o manto negro das expiações inenarráveis! **Justiça é justiça**, e de todos, faltosos ou não, ela está a par dos que em glória vivem e daqueles que em pranto se afogam. Ladainhas convencionais, arrependimentos de última hora, miscelânea sacramentista, peditórios nauseantes, lamentações de qualquer jaez, nada adiantam! É mesmo *pelas obras* que o homem se define ante a *Soberana Justiça*! Cultivem por conseguinte, amigos em geral, atos dignos de admiração. Somos muito livres e não nos devemos perder por culpa própria, essa é a regra por excelência!

— De quem são? — perguntei, mais para forçar um início de prosa do que mesmo por desejar saber, indicando as duas crianças.

— São de Deus. — respondeu-me Ambrósio sorrindo — Quando fui trazido para esta casa, encontrei-as como a filhos do meu amor e das minhas obrigações. São crianças da região, administrativamente a cargo de certas pessoas.

— Então, amigo Ambrósio, as famílias daqui também podem admitir crianças para educar, tal qual na região onde habito?

— Para que elas eduquem pessoas grandes, isso sim! Minha irmã viveu uma péssima mãe e como poderá deduzir... Bem...

Por segundos, meditei sobre o que acabara de ouvir e como não tinha por hábito discutir o mérito da Legislação Superior, nem seus atos executivos, contornei logo outros campos da cultura espiritual. Ambrósio devia ter lido muito daquela biblioteca ali presente. De tudo sabia um pouco, estendendo-se em certos setores específicos do saber com maestria. Ao cabo de meia hora, lembrou seu trabalho junto aos encarnados, convidando-me para acompanhá-lo. Nesse momento, surgiu a bondosa mulher com dois copos sobre a bandeja, oferecendo-nos o conteúdo — saboroso líquido com gosto de frutas.

Não sabia, quanto à solicitação de acompanhá-lo ao trabalho, se aceitar o convite ou recusá-lo, pois Teóclito nada me havia referido sobre os seus quefazeres. Contudo, fomos

para junto deles, ouvindo que falavam a respeito do relato de Ambrósio, ou melhor, por ele transmitido. Com a nossa chegada, disse-lhe um daqueles dois vultos:

— Contam com a sua presença, Ambrósio, na sessão... Leve o amigo Licínio; quando terminar, iremos buscá-los.

Partimos pelos caminhos do pensamento, cavalgando eu à vontade de Ambrósio. Chegámos, sem demora, junto de uma casa bem pequenina e pobre, onde nobres vultos destas terras, procuravam servir, em companhia de devotados e notáveis servidores encarnados. O que era pequeno e pobre por fora, muito se multiplicava em belezas e distinções espirituais. Jasmim, a médium de cor, estava ornada de uma elegantíssima e absorvente vestidura de luz! Almas amantes zelavam por todos os presentes, quais anjos de guarda! Trabalhadores do bem, soldados do exército de Jesus Cristo, batalhavam com amor junto de inconscientes e sofredores em geral! *Cada um por sua vez, assim como reza o bom senso*, assim como ensina o Apóstolo dos Gentios, no Capítulo quatorze da Primeira Epístola aos Coríntios, ia sendo conduzido para junto do cadinho refundente da mediunidade gloriosa. Entravam brutos, xingando, repelindo, etc.; saíam debruçados sobre suas próprias reverências ao Sagrado Princípio. Uns agradeciam de um modo, outros em expressões diversas. A totalidade, por tradição, errava pensando em um Deus externo, em uma justiça de fora. Muito custará, sem dúvida, modificar concepções ronceiras! Haja, porém, pelo menos, boa vontade, para que, a custo, outras e mais justas venham a ser as concepções com relação a Deus e Sua Justiça, por parte dos espíritos do planeta. Muitos atribuíam tudo ao favoritismo de Deus. Diziam: "Como Deus foi bom para mim no dia de hoje!" — "Até que enfim, Deus se lembrou de mim!" — "Deus que se lembre também dos outros que sofrem!", etc.

Tudo, pois, respirando *antropomorfismo*, favoritismo e necessidade de lembrarem a Deus! Quando surgirá *mais conhecimento* no cérebro humano, relativamente às verdades fundamentais? É preciso, então, esforço, para imaginar sobre um Deus que a tudo rege do interior para o exterior? É difícil conceber que Deus não pode ser um esquecido? Seria preciso apelar para a lógica, sem ser a comum, a fim de notar que a Deus não é preciso que se lhe peça Amor, Justiça ou qualquer daqueles atributos que constituem Sua natureza? É que, acostumados a desleixar dos divinos bens, queremos depois admitir que, apelando por favores de fora, venhamos a ser melhor aquinhoados, perdoados ou tornados puros e sábios, por mágicas tais. Ninguém, contudo, receberá coisa alguma que não seja por justiça! *Nos abismos medram bilhões de seres* que gritam: Senhor! Senhor!... mas que, infelizmente, descuraram dos Seus ensinamentos, quando ao tratar com os irmãos de jornadas e destinos... Eis do que todos os alunos da vida haverão de convencer-se, através dos ensinamentos do Consolador!

No final dos trabalhos, chegaram os três; Teóclito e aqueles dois irmãos; os demais trabalhadores saudaram-nos reverentemente, dado evidenciarem grande superioridade. Com o encerramento, houve debandada. Apenas vários espíritos familiares permaneceram ao lado de alguns presentes, seguindo logo, cada qual mais satisfeito. Aquela gente simples, humilde, parece que sabia, por sentimento, da imensa verdade que se passava para além de suas vistas! A intensidade de um sentir elevado supra, sem dúvida, aos rudimentos da

cerebração analítica. A intuição, por certo, vencia de muito às deficiências racionais. Nada queria do Espiritismo, aquela gente simples, contanto se lhe facultasse o poder dar, quer pensamentos, sentimentos ou propósitos são. Em mente alguma percebi invocações e pedidos que não fossem pelo bem alheio, pela saúde e prosperidade espiritual de todos. Lembrei-me, isso sim, daqueles que só fazem religiosismo e nada pelo gosto espiritual de auxiliar, ou pelo bem alheio, mas, sim, visando sempre as recompensas de favor ou semelhantes.

UMA PALESTRA ENTRE AMIGOS

Por Moral Divina, compreendo a própria Lei Divina; logo, por moral humana, devo compreender aquilo que, à luz da humana razão, seja a concepção daquela moral e a obrigação de cultivá-la diuturnamente. Quem disse que moral é produto do chicanismo humano, ou quis fazer humorismo, e bem mal sucedido, ou então devia ter a cabeça onde se tem os pés...

Porque, afinal, seja para o fim que for, não se admite peça Deus ao homem, abdique de seus foros de inteligência para estimar as leis e os princípios por onde se filtra a Sua Lei, nos mais belos florões já conquistados pela humanidade.

O homem, para entender, precisa fracionar! Para fracionar, só apelando para o senso discernitivo. E discernir sem ser por etapa, será do poder humano? É certo existirem no mundo uns crentes em si mesmos, uma certa classe que pensa com isso fazer mais e melhor; porém, no fundo desse cabotinismo, saiba-se, está sempre alguém que dele fez mercado ou meio de vida. De resto, todo homem deve gostar de progredir, uma vez que sua rota natural é a do *progresso*; sem esse desiderato, só mesmo focalizando o homem pela objetiva do taradismo. E quem fala jungido por uma tara qualquer, por um vício extra-recalcado, não vale por um homem!

Foi a esse respeito que girou a conversa, ali mesmo no reduto do pequeno grupo, iniciada em virtude de haver um dos presentes, um encarnado, dito a Jasmim:

— A Moral Espírita assombra-me! Com seus ensinamentos tornados específicos, à custa do Espiritismo, o próprio Evangelho tornou-se muito mais intenso. Tudo deixou de ser apenas regra, para *constituir-se vida*. Sinto que tenho a obrigação de guardar em mim o Evangelho, pois reconheço que saber as lições, só por isso, nada se pode conseguir, a não ser mais *responsabilidade*. A teoria aumentando a responsabilidade, quem poderá atribuir-nos o merecimento sem ser a *prática*? Tenho certeza de que Jesus, ao ensinar e não escrever, ao viver e não grafar, nada mais, nada menos quis demonstrar senão que em matéria de Evangelho, tudo é questão de *prática*.

— Maravilhoso! — exclamou um daqueles elevados seres.

E partimos em *demanda a outros rincões do planeta*, bem para longe de suas contexturas, sólidas de certo modo, para penetrarmos em outros de seus mesmos matizes condicionais. Na residência de Teóclito, muito para cima do plano onde exercia mandato, aportámos, e a conversa encaminhou-se para outros assuntos. O que eu queria era tratar do meu caso; mas, eu e meu caso sumíamos ante aqueles subidos irmãos. Por sinal que, agora, em melhores celeiros da espiritualidade, todos crescemos em certo brilho. No entanto, aqueles amigos tornaram-se potentes em uma radiação que infundia não apenas a força do brilho, mas e acima de tudo, um *profundo poder moral*. Valiam como se fossem leis soberanas, ou pelo menos agentes delas. Ambrósio estava maravilhado! Creio que seus olhos jamais haviam visto tais coisas. Pareceu-me ter sido tudo aquilo previamente preparado, uma vez que estas manifestações de ordem superior, intensamente celestiais, carregam consigo a pujantes lastros de força estimuladora. Ante uma tal grandiosidade, pura em sua excelsitude, onde cada qual cresce pelo que é, quem não se sentiria convidado ao máximo empenho pró elevadas conquistas internas? As glórias que se manifestam em suas características de simplicidade, fundamentadas na soberania das leis gerais, nunca amesquinham a ninguém! Tenham paciência os arautos de *fictícias modéstias*, deste ou de outro plano qualquer, porque isso tudo reflete apenas falso e vicioso aparato de ordem tão mesquinha quanto falível. *A verdade por si só, melhor será quanto mais exposta!* Se o homem sofrer com a sua presença, quem diz que não sofre com a presença da mentira e da imperfeição? O brilho de um ser elevado, convida e não deprime!

Quando já não mais pensava em mim ou nos meus casos, eis que diz o mais evolvido daqueles dois:

— Com relação aos seus interesses pessoais, creia, amigo Licínio, ser preferível nada desejar com pressa. Por ora, nada se lhe está pedindo; fique, pois, à vontade, na consciência de que, pensando no bem, fazendo por conhecer mais a *técnica do intercâmbio mediúnico*, tudo se lhe há de pôr diante, em tempo oportuno. *Outros estão guiando seus passos...* Aguardam de você um trabalho fiel, nada mais. Como vê, está sendo servido pelo próprio Senhor, através de seus arautos.

Ante essas palavras, eu fremia por dentro e por fora. Minha consciência bradava em busca do senso do dever. Apelava para o que tinha e sentia ser por demais uma nonada. A montanha do dever cresceu em vulto, na proporção exata em que se definiu o cabedal de energias morais e intelectivas. Pedi ao Supremo, do fundo de mim mesmo, um amparo! Daquela gente não poderia sair um pedido insignificante. Que me iriam pedir? Tal pensamento punha-me a alma em sobressaltos.

Quando voltei à normalidade, sorriam benignamente os três, estando Ambrósio banhado em francas lágrimas de alegria. O mesmo irmão, levantando-se, assim se expressou:

— Faça moradia na casa de Ambrósio... É um lugar feliz. Não se esqueça de que muita gente bem categorizada, **neste tempo de renovação intelecto-moral do planeta**, deixa os merecidos tronos espirituais, para servir com muito proveito junto das humanidades de facto

necessitadas, ou sejam as da carne e as das regiões inferiores do astral. Vá, que nós saberemos cuidar do que lhe couber por direito, em tempo seguramente justo.

Minha mente prosternou-se ante os santos desígnios do Supremo, que de dentro de nós, do profundo de nossos egos, ordena leis, seres e oportunidades em nosso propósito. *Eles partiram*, ficando nós três — Teóclito, Ambrósio e eu — entregues a sublimes meditações. Sim, irmãos da carne; sim, amigos em geral; sabem o que seja *um pensar em êxtase* sobre os destinos do espírito? Podem avaliar em que glórias se é obrigado a elocubrar, ante a presença de elevações por si mesmas já indescritíveis? Que somos nós, então, que podemos viver numas e *anteviver* a outras? Devemos ser e o somos, semideuses. Porque para ser, evoluir, até tal ponto, sentir, compreender alguma coisa, *anteviver estados tão divinados*, só mesmo como semideuses! A Escritura, embora enxertada ao extremo, diz no Velho Testamento: “**vós sois deuses**”. O Cristo repetiu; a Escritura está certa. É por isso mesmo que, hoje, acompanho quem diz jamais ter havido a chamada criação da parte de Deus; tudo o que há é **automanifestação do próprio Deus**! Tudo em Deus, na Divina Essência, é aquilo que aparenta ser. Quando diz a Escritura que Deus é *Princípio e Fim*, por certo diz que em Deus **não há Princípio nem Fim**. As concepções variam no homem, por via das contingências evolutivas, do direito de autopersonalizar-se. Quanto mais evolve, pois, mais se *integra* o homem no *plano universal*, compreendendo a UNIDADE DIVINA, de quem é parte e manifestação. É muito justo que o ronceirismo religiosista de qualquer matiz, de qualquer cor, não deva querer assim admitir, de um momento para o outro; mas, quem foi que conseguiu liquidar o trabalho de um verdadeiro profeta? A quem pode matar, o homem, tacanho e escravo de um ramerrão qualquer? A que homem se entrega a palma da vitória, por ter saído vitorioso, na luta contra a **lei do progresso contínuo**? Que gritem, pois, todos os beócios do mundo, que de nada valerá; marchamos para os empíreos divinais, na pauta bendita do próprio Sagrado Princípio, onde nunca tivemos tempo de fabricação, mas onde sempre fomos, existimos, em Deus! **Não há Criador nem Criação; há Deus imanifesto e manifesto!** Fala por mim, saiba-o quem quiser, um sentir não meu; longe, bem longe ainda, de tais merecimentos estou; e este sentir me diz que só viremos a nos encontrar bem, quanto mais chegarmos à Unidade Divina. O que somos, por natureza, temos que saber e sentir por autopersonalidade. Eis a finalidade do *livre-arbítrio*, o mérito da parcela de liberdade, que nos fundamentos também é determinismo, pois do contrário seria falha a própria Unidade. Todos, um dia, teremos de ser dela *testemunha*! E para os grandes testemunhos, quem invocaria os berros da mediocridade? É para trás ou para a frente que se deve marchar?

NOVO LAR

Teóclito, em fração de minuto, fez tudo quanto julgou exato; levou-nos para a casa onde habitava Ambrósio e partiu. A madrugada ia bela com a lua em minguante. Espiando na esteira do horizonte visual, divisava-se a sequência de acidentes geográficos a perder de vista; é que a casa ficava sobre uma elevação, facilitando o prazer de uma paisagem, que de

dia era belíssima e, à noite, invocativa de lembranças perdidas nos abismos do subconsciente. Ficámos, por alguns minutos, perdidos na vastidão de nós mesmos, a revolver as coisas com que a Suprema e Íntima Causa nos brindara, nesse dia maravilhoso e ungido de mil proveitos! Fomos para *nossos leitos*; sim, leitos, pensem lá o que quiserem, é verdade, uma verdade um pouco estranha e inacreditável para os seus entendimentos relativos.

— Nessa cama dormia Décio, um companheiro que se foi para as velas redentoras da encarnação. — disse Ambrósio, tornando-se melancólico — Você vem, com certeza, para a Justiça Divina ter curso normal; mas, também, para que corações saudosos sejam recompensados... Eu quero pensar assim... Minha irmã adotara-o como filho, há uns vinte anos atrás, deixando um profundo sulco em seu coração!... Ela, que errou e não soube ser mãe na Terra, chora agora, todos os dias, por causa desse erro... Eis mais um pouco de Justiça, sob bases éticas e estéticas...

O dia, rico em acontecimentos superiores, não esgotara em mim a capacidade de emoção; fiquei triste, porque já sentia, dado as coisas que vinha de saber, alegrar-me com o gozo e padecer com os sofrimentos alheios. E prometi:

— Espero corresponder aos nobres sentimentos que me irão embalar nesta casa. Sinto muita satisfação em saber disso, pois assim tudo poderei empregar de esforços, para contrabalançar a perda.

E dormimos.

APRENDENDO SEMPRE

Não me detenho em detalhes, por estar avançada a série de trabalhos a respeito das coisas cá de extratumba, onde nas **duplicatas etéreas da Terra**, pode-se viver do melhor ou pior modo. Assim, portanto, tendo-nos levantado pelas onze horas, depois de ter *lanchado*, partimos. Ambrósio anotara, num seu caderninho de apontamentos, um rol de serviços a prestar, tudo relativo a atividades junto a grupos espíritas. O chefe dividia atribuições e os trabalhadores entreajudavam-se quando era necessária a cooperação. A não ser isso, cada um agia por si. Agora cumpria-me servir e aprender com Ambrósio, eu que, desde o meu crescimento até o dia em que fui chamado por aqueles arroubos, nunca havia visto uma sessão. Cabia-me preparar para esses outros misteres do mecanismo da vida.

Saindo do seu domicílio — agora nosso — Ambrósio entrou pelos jardins adentro da casa vizinha e chamou por um irmão de nome Alencar. Quando este saiu, fui-lhe apresentado, e ele, por sua vez, quis apresentar-me à *família*. Fiquei contando, no meu farnel de conhecimentos e amizades, com mais uma meia dúzia de adoráveis criaturas. Alencar, pouco depois, saiu conosco. *Marchámos rumo a um lugar medonho!*

— Lembra-se — segredou-me Ambrósio — daquele tal de Luís, por quem fizeram preces ontem e de quem demos notícias pouco lisonjeiras?

— Lembro-me, é claro — respondi-lhe, lembrando os trabalhos do grupo espírita.

— Agora iremos fazer por ele alguma coisa, em virtude de se ter cumprido um período de purgação. Aquela senhora era sua esposa, quando vivia na carne. E por ter em sonho falado com espírito de suas relações, sobre o marido, uma vez acordada não sossegou enquanto não pediu por ele. Eis um pouco mais do *mecanismo judiciário do universo*. Encontram-se as pedras e os homens...

— Agora — balbuciou Alencar — tenhamos muito cuidado; estamos em *zona perigosa*. Legiões de infelizes enxameam por aqui, *ao rés-do-chão*, movidos pelos mais negros instintos e propósitos. Embora nada tenhamos em comum com esta atmosfera nem contato com ela, por comida ou bebida, cumpre-nos manter vigilância superior.

De facto, ao longe, um alarido fez-se ouvir, que num crescendo se foi aproximando, tendo em seguida desaparecido. Depois, de longe em longe, pios de aves noturnas se fizeram ouvir. Tendo eu dito se eram corujas da Terra para aqui vindas com a morte do corpo, Alencar explicou-me baixinho:

— Pode ser isso; mas pode ser um som emitido por alguém, que havendo *regredido* tanto em *moralidade*, tenha revolido em si características orgânicas *primitivas*. Como sabe, em nós albergam-se o pior e o melhor. E tudo pode desabrochar...

Agora, com o ruído, gritos angustiosos levantaram-se na escuridão, uns praguejando, outros clamando por socorro, outros prometendo sevícias. Foi como mexer em vespeiro tremendo, o havermos confabulado. Resolvemos prosseguir em silêncio. Ambrósio devia estar se guiando por faculdade ou amparo superior. Eu, pelo menos, pouco conseguia ver.

Ao cabo de jornadas pelo campo seco e escuro por alguns bons quarenta minutos, estacou Ambrósio, pondo-se à escuta. Depois, devagarinho, encaminhou-se para um dos flancos, de onde voltou para dizer:

— *Está aqui...* Vamos arrastá-lo...

Fomos acompanhando o obreiro do bem; quando se pôs a apalpar no chão, alguém fez um berreiro infernal. Ambrósio fez-nos, também, deitar. Como nenhum dos dois falasse, mantinha o meu silêncio. Medo, garanto, não tinha. O mais fácil seria zarpar à custa de poderes à vontade; mas, pensava, e o *socorro* ao irmão sofredor? Como executá-lo sem sacrifício próprio?

— Vamos arrastá-lo... — convidou Ambrósio baixinho.

Fizemos qualquer coisa que poderia ser chamada de grande! Arrastámos, pareceu-me, o tal irmão, por muitas centenas de metros, antes de lhe podermos dizer que éramos de paz e agíamos com Deus, a pedido de sua mulher e por ter-se acima de tudo, *cumprido um tempo de purgação*. O homem aceitou nossos argumentos, tendo pedido preces, muitas preces... Isso foi muito bom, pois o tornou acessível às nossas emissões eletromagnéticas. Passou a andar com muita dificuldade. Caminhava trôpego, mas era bom; evitava esforço nosso... Falo com pureza d'alma, que *já me passara pela mente* que coisas assim tivessem de ser realizadas. Sabia dos planos inferiores, mas julgava a libertação por outros processos, os quais não sei bem como explicar. Hoje sei que os há, dependendo da variação de múltiplos fatores. Uns penam nos abismos; outros se redimem socorrendo-os. Isso em linhas gerais. Como se vê, sempre em equilíbrio de razões, sempre surgindo a força dos contrários como propulsora dos fenómenos restabelecedores. **Sempre as leis de Causa e Efeito!**

Quando ia consultar a Alencar sobre a possibilidade de vencermos o *peso específico* de Luís, com os nossos poderes de dinamismo psíquico, eis que prontamente me diz, sorrindo entre dentes:

— Ele vai ainda para *lugar bem sofrível*, embora muito melhorado em relação àquele de onde o fomos tirar. Luís poderá melhorar bem, em pouco tempo, mas a poder de esforços próprios. Chegou-lhe o tempo de purgação consciente, porque até aqui, como pode facilmente compreender, nada tinha para ter vontade; note outra fase de *matiz judiciário*...

Andou o homem longo trecho, falando e defendendo-se. Quando fez a primeira pergunta, respondeu-lhe Ambrósio:

— Deixámo-lo falar, propositadamente, para sabermos um pouco de suas razões. Contudo, amigo, lembre-se de que esteve entregue à *Suprema Justiça*, ela que não consulta e se impõe de dentro para fora, por *automatismo ingénito*. Logo, tendo de esbarrar no que é de dentro e não de fora, por que comenta? Não sabe ao menos confiar nos Supremos Desígnios? Custa-lhe muito olhar para dentro do seu coração?

— Não posso defender-me?... — apelou Luís, parando para falar.

— Defenda-se, sim, porém de si para consigo; em si errou e em si lavrou *sentença cominadora*. Nenhum tribunal externo o condenou!

— Então, sem ter pessoas ou organização judiciária perante quem me possa defender, como poderei ser atendido e liberto?... — tornou Luís, acabrunhado, revelando desconhecer tudo em matéria de Lei Divina.

— Em si mesmo — explicou-lhe Ambrósio — encontrará a Suprema Justiça, perante a qual poderá atacar e defender à vontade. Estude em si o quanto possa sobre a sua atuação no mundo. O que soube e ignorou. O que fez e o que deixou de fazer. Encare os problemas do bem, da paz, do amor, da piedade, da paciência, da resignação, da lealdade. Lembre o quanto foi de bom como filho, irmão, marido, pai, empregador, empregado. Confira tudo sob o guante da Divina Lei, a quem deve ter ferido, na parte tocante à sua identificação e parcela

de responsabilidades. Confronte o que lhe pôs Deus, em natureza, ao dispor, com aquilo que com malícias e menosprezos desmereceu, sem dúvida. Levante, em si, um balancete sério.

— O senhor sabe a meu respeito alguma coisa?!... — atalhou, confuso.

— Eu sei de mim mesmo... E isso já é o bastante. Decerto, também tenho experiência quanto à intangibilidade da Justiça Superior, por essa razão enfronhada em nossa individualidade, para não ter de julgar de fora. Antes, *nós mesmos* é que a fazemos funcionar pró ou contra. Vede bem, caro Luís, não adianta ir à procura de bode expiatório a respeito dessa questão. Caso queira discutir, afianço que voltará ao lugar de onde acaba de ser tirado; porque deve acertar por si, de hoje em diante, para melhorar.

— Isto é bem encrencado!... — comentou, aturdido.

— O mais encrencado ficou para trás; como poderá ver, bem longe está daquela região ressequida e trevosa. Isto já não é bem melhor?

O homem olhou em volta e viu certa claridade. Tudo avermelhado, mas podendo-se enxergar; havia vegetação e campos mirrados. No céu fumaçado percebia-se a claridade superior. A luz da esperança iluminava-lhe o coração.

— Sim, está muito melhorado!... — respondeu submisso e ponderado.

— Então — recomendou-lhe Ambrósio — faça como vou dizer-lhe. Pense nos erros que outros contra si praticaram; reflita, muito mais, porém, nos *deveres que não soube exercitar. Quem acusa se acusa; quem se acusa se defende*. Defenda-se descobrindo falhas íntimas e trabalhando para saná-las. Só isso vale por todos os argumentos que queira somar em seu favor.

As condições corográficas melhoravam cada vez mais. Em certo momento, galgando elevado cume, divisámos vastíssima muralha, lembrando aqueles muros que protegiam as cidades antigas, as primeiras trincheiras imaginadas pelo homem. Alencar disse a Luís:

— Eis aí o país onde irá morar, pelo tempo que dele carecer. Come-se ali o pão duro e veste-se a roupa grosseira. Tudo é inferior nesse *país expiatório*, tudo é rude e pronunciadamente sofrível. Procure, portanto, vencer e sair o mais depressa possível. Com boa vontade, vencerá. É só querer; o poder está em si mesmo.

— Mas tenho vontade de ir para melhor! — exclamou Luís.

— Muito bem, pois faça por merecê-lo. Quem quiser ser benquisto, para tanto se apreste. De resto, só com boa vontade não se faz pão; primeiro os ingredientes, depois a boa vontade e em seguida o trabalho executor. Como poderá ver, entender e sentir, o *reino do céu* é em igual molde, realizável. Está *em nós como ingrediente*; precisamos de boa vontade e trabalho executor para manipulá-lo. Nada mais justo e simples, não acha? O difícil seria se estivesse fora de nós.

— Contudo — arguiu Luís estacando na vagarosa marcha — *de que me valeu ser religioso?!... Deus parece que... que não cumpre tratos!...*

Ambrósio fitou-o bem, avizinhou-se e falou com bondade:

— Entre as verdades de Deus, que representam leis naturais, e as verdades religiosas — formalismos humanos e quitandas vendáveis — há muita diferença. Enquanto Deus, de dentro dos seres, pede *conhecimento e obras*, os religiosismos pedem formalismos tapeadores, fanatismos, exclusivismos, ódios sectários, etc. Não se esqueça de que o estamos cuidando, à Luz do *Consolador restaurado*, daquela eclosão mediúnica do Pentecoste, de onde, por ordem de sequência, viriam todos aqueles informes de que lhe disse o Divino Mestre:

"Mas o Consolador, que é o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, ele vos ensinará todas as coisas..." (João, 14-26).

Se, portanto, houve *truncamento* na ordem de ensinamentos subsequentes, isso se deve ao *romanismo* que, banindo aquele culto que ficou sendo o dos Apóstolos, *implantou o paganismo romano*, rotulado de Cristianismo. É hora, porém, em que *toda a Terra será sacudida pelo aguilhão da Verdade*. **O Elias** que devia vir e restaurar as coisas, **já veio** e lançou as bases, **em obras fundamentais**. O que produz essa base, logo poderá saber, quer pelo que se passa na Terra, quer pelo que se dá nos nossos planos inferiores. O Cristo, portanto, está em dia com as suas profecias. Resta que os homens o compreendam e sigam. Não há religião, por conseguinte, fora da VERDADE, e a VERDADE está no homem, nos seus poderes interiores.

— Vou estudar esse assunto, quando possa — concordou Luís.

— Terei prazer em oferecer-lhe um catecismo. — propôs-se Alencar — Um catecismo sem jaça, porque acima dos interesses de seita, bolso e estômago. Poderá saber como nasceu, viveu e morreu o Cristo, reaparecendo dos mortos, ou **em Espírito**, para testemunhar sua obra na grande manifestação mediúnica da qual já falámos. Foi em relação à VERDADE que o Cristo fundamentou o sentido religioso de Sua obra, nunca, no entanto, sobre esta ou aquela religião. A VERDADE é a RELIGIÃO.

Assim conversando, atingimos as muralhas. Esperámos até que nos viessem buscar. Vieram e introduziram-nos, encaminhando-nos para as autoridades da região, que eram espíritos bem impositivos e pouco escrupulosos, pelas características que evidenciavam. A elas ficou entregue Luís. Prometi-lhe entregar um catecismo e partimos todos em demanda a outras obrigações, deixando Luís acentuadamente entristecido.

DE RETORNO À CASA DE JASMIM

Um outro trabalho que fomos atender, constituiu na condução de um homem recém-desencarnado, em regulares condições, ao cadinho mediúnico. É muito interessante o que ocorre em uma comunicação de espírito necessitado, desde que seja o ambiente simples, sincero e instruído. À custa dos elementos ectoplásmicos retirados aos médiuns e presentes bem intencionados, operam espíritos conhecedores, verdadeiras reformas. *Manifestam-se* brutos, dementes, doentes, estropiados, e *saem* humildes, mansos, ponderados, submissos, curados, menos imperfeitos, etc. Há qualquer coisa de mais profundo nisso que o mediunismo faz; algo que os estudiosos não penetram ainda, por via de sua inerência transcendente.

Esse novo atendido tinha alma regularmente plasmada nos moldes cristãos, à altura de suas posses hierárquicas, isto é, pelo que pôde viver do cristianismo em si, como o pudemos deduzir, nós os seres ainda constituintes da grande massa terrenal, que pouco fazemos mentalmente e quase nada praticamente...

— Bem... Embora me sinta doente... Como poderia esperar isto?... Contudo, pelo que se vê... — foi tudo o que Fabrício pôde dizer.

Ambrósio falou-lhe dos planos em crescente esplendor, para aqueles que em si mesmos, interiormente, procuram crescer. Fez ver como seria prejudicial uma mudança profunda e repentina, para a organização emocional da maioria. Prometeu-lhe levar a assistir a uma sessão espírita, onde muito poderia lucrar, em melhoras e aprendizados imortais.

— Aceito, aceito!... Sempre fui contra toda ordem de religião, mas quero ver daqui como é esse negócio de Espiritismo... Minha cunhada era médium... Eu nunca quis saber nada disso...

Como o velhinho falasse em ser do contra com relação a toda religião, aguçou-me o desejo de trocar com ele ideias. Queria saber um pouco mais sobre esse intrincado problema psicológico, de onde *crentes partem para as trevas e céticos ascendem ao conhecimento* do estado e merecimento de socorros *imediatos*. Por isso, falei a Ambrósio nesse sentido e ele me disse, oferecendo oportunidade:

— É sempre o mesmo *porquê*. Clamar: “Senhor! Senhor!”, em ladainhas e peditórios besuntados de *melosidades afetadas*, não resolve o problema do *céu interno*; o que lhe irá contar o velhinho, como poderá esperar, é isso. Não ganhou algum aprendizado, que por certo vem em demanda a quem busque um credo qualquer, mas, também, não se comprometeu acreditando nas falsas virtudes absolucionistas de certas afirmações litúrgicas e sacramentistas.

Retirou-se Ambrósio, prometendo voltar em breves minutos, penso eu que precisamente para dar-me ensejo à prosa tão desejável. Pilhando-me a sós com o trêmulo e encarquilhado homem, inquiri:

— Então, amigo, não cultivou ideias deístas durante tão longa romagem pela carne?

— Ideias sim, amigo, mais do que ideias... O que fiz foi fugir das religiões... Nunca vi credo algum que não fosse *fábrica de fanáticos!*... Cada religião faz questão de fazer uma turba de cretinos que *só sabe querer Deus para si e para mais ninguém!*... São pios que querem ver aos ímpios nos infernos, como já disse sério autor, que li faz bem anos... Logo, amigo, procurei fazer do culto da **moral** estabelecida através **do Decálogo**, a religião de minha vida. Não me sinto arrependido!... Respeitei ao máximo o direito alheio. Aos homens dei o melhor dos meus exemplos. Aos filhos e netos pedi uma conduta decente. Como cidadão, em geral, procurei servir mais do que ser servido. Fiz minha parte sem reclamar da sociedade e sinto que a sociedade nada me deve; poderia eu ter feito mais por ela? Não sei... Sabe-o Deus... Sabe-o Deus...

Parei por algum tempo a meditar em tão interessante organização mental. Reparei que o homem vibrava em uníssonos com a mais poderosa sinceridade. Que seus olhos radiavam fulgor elevado. E comentei:

— Parece que as religiões, o que fazem, é *toldar o bom senso nas criaturas*; por isso deve ser que o Cristo, falou sempre na *VERDADE e nunca na religião*. É que a VERDADE vem de Deus e as religiões os homens as fazem e desmancham. Jesus partiu do princípio sólido das obras conscientes e amorosas, significando que fora disso tudo é falácia. O senhor, portanto, foi mais lúcido até certo ponto...

O homem estranhou mesmo minhas reticências. Presto, empertigado, inquiriu:

— Até certo ponto?!... Como assim?!...

— Moralmente o senhor venceu; mas cientificamente, deixou muito a desejar. *Não aprendeu o que poderia ter aprendido*, se tivesse buscado um credo, o mais racional possível, o mais experimental e filosófico. Como deve conceber, a religião, de facto, abarca todos os quadrantes da atividade humana. Em tudo está Deus e a tudo se deve estudo, compreensão e aplicação honesta. O universo não é um composto místico, apenas, nem só moral, nem só mental, etc. É uma VERDADE que se expande num infundo de frações. Por isso mesmo, deve-se *aprimorar o coração e encher o cérebro*. Lembre-se de que Jesus pediu uma adoração a Deus, com toda a inteligência e de todo o coração. Isso significa um emprego em toda linha, do mais moralizado possível ao mais intenso em conhecimentos gerais. Religião, amigo, é coisa assaz séria! Jesus não se perdeu em ginásticas formais, em adulações repugnantes; com os seus conhecimentos, cooperou na Obra Divina, legando-nos um **exemplo imortal!** Sua ação foi exercida junto dos enfermos, da carne e do aquém carne, curando e encaminhando. E note que no final do ministério, em missão, foi carimbado tudo com a chancela da *Revelação*, de onde surgiriam os ensinamentos preciosos no curso dos tempos. Note bem que ser Cristão não é admitir o Cristo *contemplativo*. Como se livrou no mundo do culto dos formalismos inventados por homens, à custa dos quais vivem parasitariamente, livre-se agora das prevenções contra o saber superior; é o meu conselho de irmão e amigo.

Qualquer sensação íntima tangia o bom velhinho, fazendo-o prantear e causando-me pena passageira. Mas, que fazer? Tinha dito o necessário. Fui, pois, sentar-me ao seu lado, donde pude abraçá-lo, estimulá-lo.

— Não estou triste... Choro de alegria... O senhor fez-me muito bem... — expandiu-se, substituindo as lágrimas por belo sorriso.

— Como dou graças a Deus! — murmurei satisfeítíssimo, aliviadíssimo...

Entrementes, Ambrósio entrava e pedia ao velhinho para o acompanhar. Estava na hora do início da sessão. **Fomos**, por essa razão, **os três à velocidade do pensamento**, para o seio de um ambiente simples e feliz, pelo gozo de uma espiritualidade que se elevava ao máximo, apesar das condições terrenais do ambiente.

O orador da noite terminava sua palestra. Devia ter dito coisas superiores, de vez que a seu lado se achava elevado vulto destas paragens. Quando ele se sentou, o guia de Jasmim tomou-a como vaso intermediário, dirigindo-se aos presentes. Pouco a pouco, o espírito da médium libertava-se, vindo para o nosso lado, plenamente consciente, feliz, marcadamente iluminado! Ditosa VERDADE, que tais coisas operas nas almas que te adotam por paradigma! Ditoso Deus! Que serás Tu? Que Glória és no íntimo de tudo e de todos? Como definir-te, Senhor, se com tão pouco nos prendes por completo?

O VELHINHO REMOÇOU

O fenómeno mais importante, o capitular da ordem consciencial, já se vê, é o ser; é o merecer. Ser é o que é, por força de indiscutível Soberana Vontade, sejam os ares, as pedras, as plantas, as toupeiras...

Mas, para merecer uma recompensa, é bem diferente! Que alguém mereça sem construir o merecimento, isso é impossível de se conceber, relativamente às glórias espirituais.

Os trabalhos transcorreram bem, sendo encaminhados alguns irmãos, além de se terem aproveitado da elevação fluído-eletromagnética, milhares de seres trazidos para o recinto pelos chefes e serviçais de algumas zonas inferiores; também é de notar, os proveitos advindos da *ilustração intelectual*. O poder propulsor de uma *ideia*, ninguém pode calcular ao certo pelo simples ato de ouvir. O próprio subconsciente encarrega-se de elaborar movimentações no plano inconsciente, de onde um dia emergem em *florões de intuição*, em anseios de pesquisa, em desejos de progresso. *Ouvir uma prédica sentida*, eis um modo bom de imantar os recônditos micro-celulares do cérebro, através do magnetismo da palavra humana. Não é só a parte inteligível ou técnica que vale, como superfluamente se pode supor; uma cerebração disposta, aceitando a inteligência da oratória, confere entrada aos valores psicométricos decorrentes da ondulação mental ou emissora. Imanta. Faz do cérebro

talismã renovador poderoso. Triste feito, também, é o ouvir-se asneiras, comentários negativistas, medíocres e criminosos.

A imantação pode ser intra e extra. Quando alguém *se vicia a pensar* de certo modo, inculca no cérebro valores psicométricos em determinado sentido; *depois alega que não pode conceber de outro modo*. Crê nas suas próprias convicções, e diz ao mundo que tal assunto ou questão, só a seu modo podem ser admitidos. *É obcecação pura*. É introversão. *Os credos formais fabricam disso à vontade*; nada provam, nada revelam, nada demonstram, nenhuma segurança podem dar e arrastam após de si legiões de "crentes", de *viciados mentais*, de criaturas que cedo começaram a aceitar, como passivos, as catadupas de ideias que se impuseram pela psicometria. Estes planos da vida, nas *regiões inferiores*, também são ricos com respeito a essas misérias. Legiões de fanatizados *vivem por aqui como viviam aí*, doentes em si mesmos, carreando a tara triste das sobrecargas idólatras, inócuas e iníquas. Sabem discernir entre razão pura e sujeição psicométrica?

A lei é sempre a mesma; o uso a que se submete é que varia. Mede-se o resultado pela aplicação. Quem aceitar boas infiltrações, muito bem. Do contrário, espere por dias de luta, uma vez que uma carga só deixa de ser força vigente, quando outra mais poderosa a eliminar. Pode-se dizer que no homem racional é contínua a queima de umas cargas por outras superiores. É o homem que desfila livremente pelos caminhos do progresso, aceitando-o cada vez melhor, sem se mumificar em sarcófagos fanático-mentais. No entanto, **a Terra está cheia de doentes desta ordem**, para todos os efeitos ou matizes do pensamento humano. Poucos são os verdadeiramente **clarividentes**; a maioria é pouco ou muito tarda, age por injunções de ordem inferior. A lei da hereditariedade ainda terá muito que dizer, que ensinar aos psicólogos e antropologistas, porque abarca o homem, do espírito à matéria, influenciando sobre seus campos, moral, mental, intelectual, etc.

Mas, vamos ao velhinho. No final dos trabalhos, quando parecia que o patrono ordenaria o encerramento, o que fez foi fazer um sinal a Ambrósio. Este, lépido, foi buscar Fabrício, que a tudo observava com muita atenção. O velhinho estava, efetivamente, maravilhado.

— Venha falar pelo "**telefone da carne**". — disse-lhe o trabalhador do bem — É uma dádiva que irá receber, da parte da Suprema Justiça, por haver tão nobremente respeitado, no mundo, o direito dos outros. Venha logo! Venha logo!...

O velhinho estava nervoso, visivelmente alterado. Como por encanto, toda aquela gente que formava mais ao longe da falange de espíritos relativamente esclarecidos, prorrompeu em *palmas e vivas* ao velhinho. Foi uma espontânea manifestação de carinho, sugerida pela influência da idade, que sempre torna o seu portador mais simpático? Foi alguém superior que imprimiu esse ato àquela enormidade de seres? Não sei. Logo mais iríamos ver que o velhinho se colocara em vida, pelas suas ações, sob signo altamente favorável.

De longe ainda, o poder atrativo da mediunidade o imantou! Quando queria alegar qualquer coisa, não querendo comunicar-se, já estava *falando aos encarnados*. O presidente atendeu-o, fazendo-lhe um convite para tratar do sério problema da vida real. Daí a instantes, todos orávamos pelo velhinho. Sabendo que um ambiente de sessão flutua em colorações,

segundo a intensidade com que se pensa, fica-se a par de tudo quanto venha a ocorrer. Com o velhinho, porém, os acontecimentos realizaram-se muito além da minha previsão. Elevou-se tanto, que muitos perderam, momentaneamente, a capacidade de vê-lo!

Quando recuperaram a visão, o velhinho *havia se tornado um homem de uns trinta e poucos anos*, quando muito. Rejuvenesceu! Embora esse facto seja lei comum, não é fácil dar-se com recém-desencarnados; são precisos muitos méritos!

Não foi só isso que sucedeu. Muita gente superior fez-se visível, envolvendo o sorridente Fabrício em sua aura sublimada. E lá se foi o velhinho de pouco antes, brejeiro e encantado, para os altos cumes da vida planetária! Eis um convite aos duendes que somos nós, que passamos e **perdemos tempo, pensando em seitas**. O principal está no AMOR! O AMOR força o homem no encaço da CIÊNCIA e, aliados, precipitam a AUTORIDADE, fazendo-a aflorar na personalidade.

Sei que terá tido Fabrício, vidas de realizações nobres; mesmo assim, porém, porque é que um grande irmão passa pelo mundo observando *in limine* o sentido MORAL da vida, sem se incomodar com o religiosismo formal? Por que deixou de respeitar aos pretensos poderes redentores da bajulagem em que se perde a humanidade, para dar largas ao respeito devido à Lei Divina, nas ações sociais?

Jesus ensinou, quando de Sua passagem pelas dunas da carne, que aquele que não ama ao próximo, a quem vê e com quem vive em companhia, não pode amar a Deus! Jesus não disse isso para inventar regras; já era verdade eterna. Felizes, pois, os que amam muito e praticamente.

DIVISANDO O PASSADO

Com o seguimento dos trabalhos, aprendendo sempre, engastando na retentiva, sempre que possível, emolumentos em sabedoria, fui também solidificando o centro emotivo, a ponto de não mais chocar em face de cometimentos os mais fortes, quer no quadro dos de ordem superior ou deleitosos, quer no âmbito daqueles que nos podem quebrantar os ânimos. Porque a vida de trabalhador, de homem desencarnado, nos horizontes paralelos ao plano da carne mais densa, é muito mais cheia de cambiantes emotivas, de sensações até mesmo violentas, do que possam imaginar os cérebros superficiais e deslocados.

Enfrentar um ambiente é sempre um caso exato. Sua proporção hierárquica em nada cede pelo facto de ser extraterrenal, precisamente por ser terrenal, em grau de porcentagem, em ponto gamático ou extratefeito, que condiz com o estado dos seres, em evolução, usos, costumes, características psicológicas em geral.

Diremos que, no céu ou na Terra, um ambiente é sempre um ambiente! O que alguém tem em si, isso imprime ao meio circundante; muita gente fazendo esse exercício, por

natureza, que acontece? O que acontece é simples de se supor: **o ambiente exterior será igual ao mundo interior dos seus habitantes.**

E vi muito disso já, agora que lhes falo.

Um dia, pois, Alencar, o vizinho de casa, avisara-nos de que Teóclito preparava uma excursão para nós interessante. Ficámos aguardando o momento de excursionar, embora sem de nada supor, fosse sobre direção, modo ou fim. Teóclito é poderoso espírito e dócil amigo, ilustrado mestre e solícito companheiro.

Viajar com ele ou em sua companhia significa saborear a vida e gozar expressões inéditas da mesologia fenoménica dos ambientes. Penetra mais, carrea farnel onde transbordam fatores de sobejo vividos. Parece ser a experiência personificada! Dizem possuir a *intuição desenvolvida em alto grau*, com qual instrumento *capta a sabedoria na Fonte Original*, na razão direta de ser, daquilo que é, ser ou coisa. Eu não discuto este ponto por não conhecer o suficiente para falar com sensatez. Tampouco me aventuro a perguntar, por saber que no momento exato disso falará por si mesmo, dando provas, fazendo paralelos, ilustrando de facto a dissertação.

ÀS MARGENS DO MAR MORTO

Dias depois do aviso de Alencar, à entrada de lindo crepúsculo, chegam Teóclito e mais três seus amigos, mas de nós ainda desconhecidos. Dolores, António, eu, Ambrósio e mais dois rapazes, *em caravana*, guiados por Teóclito, *marchámos* para a face nebulosa da Terra, para a atmosfera densa e neblinada, onde os pulmões humanos se nutrem de valores indispensáveis à vida biológica.

O luar reverberava no **Lago Salgado**. E a palavra instrutiva de Teóclito punha-nos ao corrente do *porquê* de ali estarmos. Um silêncio profundo reinava, só ferido de quando em quando por algum silvo. A uma observação nesse sentido, feita por António, Teóclito explicou:

— Há mais que ouvir, ainda...

Fez um longo silêncio, pelo tempo que durou um olhar observador pela margem do mar. Depois, convidando a prestar toda a atenção, murmurou pesaroso:

— *Este lugar é muito visitado*, principalmente nos dias de evocações históricas, por vultos de valor, criaturas que tomaram parte na grande tragédia, amigos do Senhor e servos humildes de sua Infinita Bondade; mas, também, é procurado sempre por falanges de infelizes, de duendes da dor, do retardamento e das atrações inferiores. Reparem como sombras negras se locomovem, precipites umas, macilentas outras, imprecativas outras tantas e lamurientas mais ainda. São, na generalidade, seres que erraram então, ou que

vieram a errar depois, no curso dos séculos, pela mesma razão. E pensando nas coisas do Senhor, baldeiam-se para os lugares onde o *Senhor Diretor Planetário* passou, viveu, ensinou, deixou marcas psicométricas de Sua Personalidade inconfundível.

— Que horror! — exclamou Dolores, depois de fixar numa direção o seu olhar.

— Não se detenha em tal estado de impressão. — recomendou-lhe Teóclito — O que vamos fazer reclamará de nós todo poder de *penetração*; para isso é preciso conservar os centros vibratórios do órgão por excelência, *no seu ponto ótimo*. Para uma experiência destas, notemos bem, cumpre querer e poder, pois os ramos *emissor* e *captador* devem estar em perfeita franquia funcional. Devemos lançar-nos à pesquisa, *pelas ondas mentais* e também, por esse mesmo meio, ficar ao dispor das respostas impressivas. Assim se dá no fenómeno *psicométrico*. As imagens estão sempre expostas, nos objetos e nos seres. Quem quiser, porém, aventurar-se a sondá-las, deve, com toda serenidade, ir ao foco. Nos casos de auxílio superior, pode-se facilitar um pouco; mas, por que razão fazer mal, quando se pode fazer bem?

Descemos mais, misturando-nos com os lúgubres andantes do local. Subimos, em seguida, para o alto de um monte. Ali não havia ninguém. O luar faria descortinar, aos olhos do mortal que ali fosse, um cenário estonteante. Para nós, pelo menos para mim, aquele mundo de coisas impressionava de um modo que não posso definir. Ora o passado refluía-me impetuoso, ou de mim mesmo cedia ao imperativo de sua tremenda capacidade embaladora. Alguém, superior, deve ter feito aquilo.

Todo um tempo histórico revivemos! O mais interessante, porém, não foi reviver o que sabíamos, isto é, rever-nos como criminosos do Calvário. Já havia lido o meu relatório e sabia disso muito bem. O que foi bem focalizado foi a vida de Teóclito, um Nazireu de então, na casa de quem o Divino Mestre muitas vezes dormiu, comeu, descansou seus doridos pés. Vimos bem, ouvimos ainda melhor, *longa conversação entre Jesus-Cristo e o Precursor*, nessa residência feliz e acolhedora. Falaram do fim de ambos, como se daria, como havia de se dar. Por isso mesmo, pelo visto e ouvido, podem comentar os homens como quiserem; mas *os rumos estavam pré-traçados*. Ninguém abalaria de um milímetro a senda diretriz daqueles vultos.

Dali partimos e marchámos na companhia do Divino Mestre. Este, não mais se separou de uma turba ávida de prodígios. Os dias foram transcorrendo, *até à consumação!* Negras falanges embaixo; iluminados sóis da espiritualidade em cima. Pareciam estar divididos os ares e os homens entre si.

Maria, ao pé da cruz, estava rodeada de celestes seres. O clarão destes afugentava os representantes do crime e das trevas. Nossos olhos existiam para que quentíssimas lágrimas borbulhassem por eles. Que contrição, meu Deus! Como o coração ficava comprimido!... Remorsos nos roíam por dentro!...

Ó Espírito Excelso, logo após, foi conduzido por elevadíssimos seres; os clarões superiores envolviam-No. A caravana de luz perdeu-se na vastidão profunda do espaço. As

gentes ficaram entregues ao burburinho das coisas do mundo. Os sábios falam, bem como os ignorantes, dizendo sim e não; porém, pela disposição das leis superiores, na face da Terra e nos corações de bem, estão as marcas inconfundíveis da VERDADE QUE É.

Uma nota interessante: quando foram dizer a Jesus que o Precursor havia sido morto, Jesus foi para lugar quieto, tendo-o chamado. Que recolhimento, que respeito às leis determinantes do fenómeno! Repetiu por várias vezes o nome de João. Quando este, ou aquela falange de seres celestes apresentou-se, no meio de quem estava João, sorridente e feliz, o Espírito de Jesus, suplantando a barreira da carne, como num transbordar de si, desligou-se e pôs-se a falar. Tudo ficou mais claro, muito claro, a ponto de nos termos de afastar... Todavia, ouvimos que Jesus dissera coisas significativas com relação ao triunfo de Seu Precursor, por ter assim findado sua vida, depois de fazer sua parte, para a consecução das profecias e cumprimento delas.

Ao término da bela retrospectiva, enorme multidão de iluminados seres pairava sobre o monte, sobre nossas cabeças, havendo uma música nos ares, penetrante ao íntimo de nossas almas, imprimindo-nos uma sensação indizível. E Teóclito falou; ele que estava transfigurado:

— Alguém mais termina um tempo de provas. Esta visão que nos foi concedida é o testemunho de que o Senhor está sempre conosco, passo a passo, em nossas augustas aspirações. Cumpri ordens e dou-me por feliz. Coloquei-os a par com uma realidade que deveria tornar-se conhecida de quem a viveu. Devem concordar em que estas coisas estão todas anotadas nos livros constituintes do Novo Testamento. O que houve foi apenas o testemunho da **revivescência**, nada mais. Para a destruição destas verdades, preciso será eliminem a Terra e o Seu Cristo. Nenhum homem, contudo, poderia pretender tanto. Dou-lhes meus votos de felicidade, desejando-lhes vitórias sobre vitórias, até que possam vencer a obrigação de encarnar. Que a paz do Senhor reine em seus corações, que Sua Sabedoria lhes norteie nos caminhos da vida, quer aqui, quer no mundo, quando em novas experiências. Adeus...

Choraram nossos olhos, nossos espíritos, de novo, vendo partir tão dócil amigo, no bojo daquela nuvem de luzes gloriosas. Ambrósio falou depois de pouco tempo, convidando-nos a *partir*. Seguimos vagarosamente *em demanda a nossos lares astrais*, vencendo zonas, transpondo fronteiras... Nossas mentes estavam absorvidas pelo infinito de impressões recolhidas. Quando alguém se referiu ao passado, Ambrósio considerou:

— Não é um caso de passado; é que *sobram matizes por estudar*, por considerar, sempre que se revê um quadro, sempre que nos é dado observar novamente um feito. Hoje, por exemplo, pude pensar no quanto os dizeres do Novo Testamento são reais, quando tratam dos pontos fundamentais da vida do Senhor, de Suas caminhadas, de Seus feitos mediúnicos, de Sua morte; mas, também, quantos foram trucidados por aqueles que disso proveito quiseram tirar. Que custaria dizer da vida do Mestre, de *Sua passagem pela Escola Profética Hebréia*, fundada sob Seus auspícios, desde longínquos dias, desde os Vedas, para servir de *tocha iluminadora* dos homens, e de onde surgiria, em tempo. Ele mesmo,

rasgando o véu do tempo, escancarando os portais dos cenáculos secretos, enviando à carne toda o Consolador, o desbravador de desertos, o advogado, o unificador dos credos?

Uma voz se ouviu, nos espaços, que reboou como um trovão:

— Outrossim, quem jamais conseguiu deter a marcha da VERDADE?...

Nossos pensamentos fizeram-se unos. Não mais lentamente demandámos a nossos penates. Num abrir e fechar de olhos, *eis-nos em casa*. A madrugada ia avançada em nossa região; fomos descansar. Nossos corpos de espírito fremiam, nossos cérebros ardiavam, nossas almas estavam sublimadas.

Os dias foram-se passando.

Hoje, nas trabalheiras do Consolador restaurado, em tempo repostado no lugar, ganhámos nossas palmas de vitória, *lenta mas seguramente*. O que fez, o que faz, o que fará o Espiritismo na carne e por aqui, disso todos um dia serão testemunhas fieis. É Causa. Paira acima dos homens. *Os infieis migrarão para outros planos*, planos de purgação dolorosa, onde forçosamente trabalharão por reformas internas, que lhes garantirão, um dia, o direito do mesmo testemunho em prol da mesma VERDADE. Porque sendo ela uma só, um só será o testemunho a dar.

Relativamente aos homens, ou melhor, às suas concepções espiritualistas, temos que afirmar *ser cedo para uma compreensão uniforme*. O Consolador, que o Divino Mestre instaurou, no dia de Pentecoste, como se lê no capítulo dois do Livro dos Atos, foi em seguida truncado em seu poder ilustrador e reformador, pelos homens menos sensatos.

Debalde o Apóstolo Paulo escrevera tão bem, ensinando qual o sistema de culto dos Apóstolos, na primeira carta aos Coríntios, capítulo quatorze. Aquela disposição aos ensinamentos da Revelação, muito teria feito a bem do aprimoramento das gentes, espiritualmente, moralmente, intelectualmente, cientificamente. Segundo, porém, as previsões do Mestre, *um dia haveria a reposição das coisas no lugar*. E aí tem o Espiritismo, aquela mesma Doutrina que Jesus viveu nas ruas, nas praças, nos campos, nas estradas e nos desertos da Palestina.

Nem todos os homens, pois, dado a complexidade da mesologia hierárquica do planeta, poderiam, de chofre, **repentinamente**, conceber-lhe a excelsitude. Bem sabemos que os arautos da VERDADE foram sempre perseguidos; é que a VERDADE fere o homem em sua incompreensão. Que fazer, então? É simples. **Dar muito e pedir pouco ou nada**. Quem cumpre com o seu dever, faz isso.

E o bom exemplo vencerá o mundo!

Porque, se no homem há lugar para a moradia dos ronceirismos fanáticos, retardatários e feios, também no homem reside a lei propulsora do progresso rumo às finalidades definidas. E como não se pode ir à VERDADE FUNDAMENTAL, que é de ordem interna,

pelos caminhos da viciosidade sectária, exclusivista e mórbida, certo é que do íntimo do próprio homem, terá que surgir, na época precisa e determinadora, o motivo de trânsito à melhor concepção. Fatores de ordens várias *forçarão* nesse sentido, não alimentem dúvidas. Porque as legiões de Jesus, bem ao rés de suas mais íntimas necessidades, trabalham para que o *momento transitivo* não se demore em delongas mais sofríveis do que as estritamente necessárias.

É preciso, no entanto, que dêem o melhor dos testemunhos, uma vez que são, presentemente, *aquilo com que conta o Mestre* para o grande serviço de renovação das mentes e das consciências.

FIM

Corrigido e Adaptado por:

Reptiliano Grey

Escola de Mistérios Virtual